

Diogo Mota de Carvalho

Nº26939

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, publicado pelo Decreto-Lei nº 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Mariana Amaral da Cunha no Instituto Universitário da Maia e da Professora Mestre Luísa Brandão.

Setembro 2019

Carvalho, D. (2019). Relatório da Prática de Ensino Supervisionada do Curso de 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado ao Instituto Universitário da Maia.

**PALAVRAS-CHAVE: PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA; EDUCAÇÃO FÍSICA; CONHECIMENTO PROFISSIONAL; REFLEXÃO**

## DEDICATÓRIA

*Ao meu PAI, por todos os valores e ideais que me transmitiu tendo sido a minha inspiração e principal motivo para ingressar nesta profissão. Nos momentos menos bons foi através do que pude aprender com Ele que consegui superar-me todos os dias. A perda numa fase prematura, foi um rude golpe, o mais forte sofrido até hoje, mas a vontade de querer que ele me visse formado fez com que eu dê-se tudo de mim. Fechando agora o meu ciclo de estudos no Ensino Superior, dedico este Relatório ao meu Pai, com a certeza que estará orgulhoso por ser um pouco do tanto que Ele era e por colocar em evidência, naquilo que faço, o gosto pelo desporto que ele nutria. Por ser o meu anjo da guarda. Pela tua memória e pelo teu amor.*

O meu agradecimento é ETERNO!

## AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esta etapa na minha formação, a mais importante que pude vivenciar ao longo da minha vida, tendo sido um ano de conquistas e sobretudo de crescimento pessoal e profissional, importa endereçar a minha gratidão aos que me acompanham ao longo da vida e que neste percurso não foi exceção.

Por todo o vosso empenho, dedicação, compreensão, ensinamentos, o meu sucesso também é vosso.

Endereço, primeiramente, o meu agradecimento à Professora Supervisora (SV), **Mariana Amaral da Cunha**, por toda a disponibilidade, competência e apoio prestado em todos os momentos de contacto. Por toda a confiança, por ter mostrado a todo o NPS que tudo seria possível, sem nunca nos ter deixado desistir. Por todo o préstimo ao longo desta PS. Incansável em todos os momentos.

Congratulo a Professora Orientadora Cooperante (OC), **Luísa Brandão**, por ter sido mais do que uma Professora Cooperante. Pela disponibilidade, compreensão e boa disposição. Por eu ter “falhado” inicialmente e ter-me feito “acordar”, para que eu melhorasse e conseguisse atingir os fins a que me propunha, tendo-me orientado sempre pelo melhor caminho, chamando à atenção quando necessário no sentido de evoluir e dar o melhor de mim. Pela sua frontalidade, ao longo de todo o ano letivo e, acima de tudo, por ter contribuído para o meu crescimento enquanto pessoa e futuro docente de EF.

Ao **ISMAI e à ESDMII** pela formação que me proporcionaram e pela oportunidade de crescer e evoluir.

A todo o **Agrupamento da ESDMII**.

A toda a comunidade docente e não docente da **Escola Secundária D. Maria II e Escola Básica de Lamações**, pelo forte apoio e por me ter sentido agradavelmente recebido e integrado.

Ao meu **Núcleo de Prática Supervisionada (NPS)** que foram os que partilharam diariamente esta batalha, pelos momentos de partilha, por tudo que aprendi com eles e pelas boas relações de amizade que criamos.

Aos que permitiram que tudo isto fosse possível: **aos meus alunos**, por serem os primeiros, proporcionando a melhor experiência que podia ter tido. Por todas as alegrias, e momentos de superação mútua. Por me terem feito evoluir e me terem ensinado a cada aula, por todos os desafios, por toda a espontaneidade, colaboração e dedicação. Souberam colocar-me à prova. Foram eles que me fizeram ter a certeza todos os dias da profissão que abracei.

A todos os **Professores** que fizeram parte da minha formação profissional, por todos os ensinamentos.

Aos **Funcionários** pelos sorrisos e boa disposição e por todo o auxílio prestado.

Gratifico a minha **namorada**, que em apenas um ano de relação, conseguiu que eu fosse diariamente melhor quer a nível pessoal, quer a nível académico. Desde que me conheço que não me recordo de me sentir tão confiante na realização das minhas obrigações (pois era assim que eu via as tarefas da escola). A verdade é que ela foi o meu principal pilar neste ano difícil, em que a coloquei várias vezes de lado para me dedicar à PS e ela sempre entendeu e me encorajou. Retirou o melhor de mim e tenho a certeza que sem ela na minha vida, possivelmente as coisas este ano teriam sido bem diferentes, para pior, e poderia mesmo nem sequer estar a escrever este RPES. Agradeço por todo o apoio, ajuda, amor, carinho e cumplicidade.

Aos **“IG”** por mostrarem que a lealdade faz uma família, por vivermos todos os momentos jornada após jornada, demonstrando que apesar de todas as adversidades que possam existir na vida, nunca devemos desistir, na medida em que resistir é vencer.

Em especial ao **João Lobo**, por toda a importância que acarreta, por desde sempre ter tido um papel deveras importante, sobretudo a nível pessoal, ter-me feito crescer e ser o Homem que sou.

Aos meus amigos, em especial ao **António, Diogo e Botelho** por tudo o que foram desde sempre, pelo apoio neste percurso e por tudo o que sei que continuarão a ser. À sua maneira, cada um marcou o meu percurso numa forma especial. Sei que outro tanto está por vir.

A todos os meus **Colegas do ISMAI**, por terem partilhado esta jornada comigo, por todas as experiências partilhadas, por todos os momentos de luta. Por termos sido uma verdadeira prova de união.

Segue-se um especial agradecimento à minha **Avó**, por ser a pessoa mais generosa que conheço e à minha **Mãe** por todo o apoio, por me encorajarem a seguir e por me ajudarem em todas as fases e terem permitido que os momentos menos bons se traduzissem em grandes momentos de superação, por me fazerem sempre acreditar no meu valor.

Apesar das divergências que eventualmente surgem, o meu agradecimento, pelo seu amor, dedicação e persistência em querer sempre mais e melhor para mim.

Especial obrigado ao meu **Irmão**, por tudo o que representa na minha vida, pelo enorme sentimento de proteção que nutro por ele, por ser não só um irmão mas um companheiro de vida, pela forma como me apoiou em todos os momentos difíceis e por tudo o que até hoje fez por mim. É um exemplo para mim.

Pelo carinho, amizade, companheirismo e todos os momentos de descontração e diversão. Palavras não são nem necessárias nem suficientes, uma vez que é indescritível aquilo que representa o amor de um irmão.

Ao meu **Tio Teibão** e **Tia Graça** pelo afeto que sempre nutriram, pela relação de proximidade e sentimento de pertença tão importante e presente após o falecimento do meu Pai, por quererem sempre mais e melhor para mim.

Ao meu **“Padrinho”** e **Primos Manel** e **Amadeu** por toda a persistência, companheirismo, por serem das pessoas mais divertidas que conheço, que apesar de todas as dificuldades existentes sempre lutaram para que nunca me faltasse nada, sendo intervenientes ativos na minha vida tanto pessoal como académica. Por todo o esforço e dedicação, quem me dera conseguir retribuir tudo aquilo que fizeram por mim.

A TODOS, O MEU OBRIGADO!

## RESUMO

O presente relatório está relacionado com a Prática de Ensino Supervisionada, sendo uma unidade curricular estruturante do 2º ciclo de estudos do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário do Instituto Universitário da Maia (ISMAI). Esta Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi realizada na Escola Secundária D. Maria II, sob a supervisão da Professora Supervisora e do Professor Orientador Cooperante. O EE lecionou uma turma de 12º ano e uma de 5º ano, ainda que meramente por um período. O Relatório traduz-se numa narrativa reflexiva sobre uma experiência de ensino em contexto real de prática (Schön, 2000). O propósito deste relatório é narrar, de forma reflexiva, os dilemas, as experiências vividas pelo Estudante-Estagário no percurso que ora inicia, refletindo todas as aprendizagens, tanto a nível teórico como prático, as dificuldades sentidas bem como as soluções para as mesmas. A PS afigura-se como um ponto de partida para a profissão que o EE ambiciona envergar. Para a elaboração do presente relatório, foi tido em conta as normas vigentes no Documento Orientador da PES do ISMAI. Assim, o relatório compreende seis capítulos: No que concerne o capítulo I, compreende uma breve reflexão bibliográfica numa dimensão pessoal e profissional do EE e as suas expectativas iniciais em relação à PES; o II diz respeito à prática e ao seu contexto, sendo feita uma reflexão sobre a importância da PES na formação do futuro professor e do enquadramento institucional e funcional no qual essa experiência decorreu: a escola cooperante Escola Secundária D. Maria II, sita em Braga, como fator de socialização pessoal, profissional e institucional. No III, o EE reflete sobre todo o processo referente à prática da PES, os modelos de ensino, planeamento, realização e avaliação do processo de ensino. Relativamente ao ponto IV, o EE aborda as atividades realizadas bem como os impactos da experiência e atuação; socialização pessoal e institucional tendo sempre em vista a componente ético-profissional. No ponto V, o EE reflete sobre as dificuldades e necessidade de uma contínua formação, o que não foi tão bem conseguido bem como o contributo para a melhoria da sua prática; por fim, o ponto VI respeita as considerações finais. É aqui que o EE reflete sobre toda a PS, o que permitiu implementar, assim como todas as expectativas que ficam após a conclusão deste ciclo de estudo. Pautando-se todo o RPS pelo cunho pessoal, o EE encarou a PS como a oportunidade onde pôde mostrar aquilo que era. Quando amamos o que fazemos e colocamos essa paixão no ensino, é possível alcançar a aprendizagem nos nossos alunos. A PS revelou-se extremamente enriquecedora tendo colocado o EE em contexto real com as adversidades que podem surgir nesse mesmo contexto, tendo permitido ao EE adaptar-se e superar-se.

**PALAVRAS-CHAVE:** PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA; EDUCAÇÃO FÍSICA; CONHECIMENTO PROFISSIONAL; REFLEXÃO

## **ABSTRACT**

School placement is lectured on the 2<sup>nd</sup> cycle of studies on the Master in Teaching Physical Education in Basic and Secondary Schools of ISMAI. This report is based on a reflective narrative about a teaching experience in the real context of practice Schön (2000). The purpose of this report is to explain, on a reflexive way, the dilemmas and the experiences living by the Pre-Service Teacher at the beginning of his journey, reflecting his learnings, both theoretical and practical, all the difficulties felt and the solutions to them. School placement can be the starting point for the Pre-Service Teacher. In preparing this report, was taking into consideration all the current regulations on the Guideline Document for School Placement for ISMAI. In that way, the report comprises six chapters: Chapter I, contains a brief reflection of a personal and professional extend of Pre-Service Teacher and his initial expectations regarding to School Placement; Chapter II, concerns the true importance of School Placement, also including the school where the School Placement took place as a factor of personal, professional and institutional socialization; In Chapter III, the Pre-Service teacher reflects on the whole process regarding to the School placement, the teaching models, planning, implementation and evaluation of the teaching process; In Chapter IV, the Pre-Service Teacher discuss all the activities performed as well as the impacts of them; In Chapter V, the Pre-Service Teacher reflects all of his difficulties and needs of a continuous training and the contribution to improving his practice; Chapter VI, respects all the final considerations. It is in this final chapter that the Pre-Service Teacher reflects on the whole School Placement and all the expectations that remain after concluding this study. The pre-service teacher saw the school placement as an opportunity to show what it was capable of. When we love what we do and put our soul and passion into teaching, it is possible to put students learning better. School Placement proved to be extremely enriching as it placed the pre-service teacher in real context with all the adversities that may arise in that context, which allowed him to adapt and overcome itself.

**KEYWORDS:** SUPERVISED TEACHING PRACTICE; PHYSICAL EDUCATION;  
PROFESSIONAL KNOWLEDGE; REFLEXION

## **Índice de Siglas e Acrónimos**

AD – Avaliação Diagnóstica

AFD - Atividade Física Desportiva

AS – Avaliação Sumativa

DE – Desporto Escolar

EA – Ensino e Aprendizagem

EE – Estudante Estagiário

EF – Educação Física

ES – Ensino Secundário

ESSDM II – Escola Secundária D. Maria II

ISMAI - Instituto Universitário da Maia

MEEFEBS - Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

NPS – Núcleo de Prática Supervisionada

OC – Orientador Cooperante

PES - Prática de Ensino Supervisionada

PNEF – Programas Nacionais de Educação Física

PS – Prática Supervisionada

RPS – Relatório de Prática Supervisionada

SV – Supervisora

TR – Turma Residente

TP – Turma Partilhada

UD – Unidade Didática

## ÍNDICE GERAL

<b>DEDICATÓRIA .....</b>	<b>ii</b>
<b>O meu agradecimento é ETERNO! .....</b>	<b>ii</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>iii</b>
<b>A todo o Agrupamento da ESDMII.....</b>	<b>iii</b>
<b>A TODOS, O MEU OBRIGADO! .....</b>	<b>v</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>vi</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>vii</b>
<b>Índice de Siglas e Acrónimos .....</b>	<b>viii</b>
<b>1. Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>2. Dimensões: pessoal e profissional .....</b>	<b>3</b>
<b>i. Uma decisão a partir de um percurso .....</b>	<b>3</b>
<b>ii. Expectativas Iniciais.....</b>	<b>7</b>
<b>iii. A Importância da PES .....</b>	<b>10</b>
<b>iv. Enquadramento legal.....</b>	<b>11</b>
<b>v. Enquadramento institucional: .....</b>	<b>11</b>
<b>vi. A Escola Cooperante: Lugar de Prática .....</b>	<b>12</b>
<b>☐ Ginásio (G) – Local onde se lecionam preferencialmente aulas de ginástica, dança e badminton; .....</b>	<b>13</b>
<b>☐ Polidesportivo 1 (PD1) – É um espaço semicoberto onde é possível lecionar todas as modalidades consoante as marcações existentes. Ou seja, pode-se lecionar voleibol, andebol, futsal, basquetebol, badminton e ginástica; .....</b>	<b>13</b>
<b>☐ Polidesportivo 2 (PD2) – É totalmente coberto, sendo possível lecionar ginástica, dança, badminton, basquetebol e voleibol; .....</b>	<b>13</b>
<b>5. O Núcleo da PS: Espaço de Socialização Pessoal, Profissional e Institucional: 16</b>	
<b>6. Prática profissional .....</b>	<b>19</b>
<b>vii. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem .....</b>	<b>19</b>
<b>7. Planeamento (Anual, Período, Unidades Didáticas, Plano de Aula/Reflexão) .</b>	<b>21</b>
<b>viii. Planeamento Anual .....</b>	<b>21</b>
<b>ix. Unidade Didática .....</b>	<b>22</b>
<b>x. Plano de Aula.....</b>	<b>24</b>
<b>8. Realização (Modelos de Ensino, Instrução, Gestão, Disciplina, Clima, Ajustamentos).....</b>	<b>26</b>
<b>xi. Instrução .....</b>	<b>29</b>
<b>xii. Demonstração .....</b>	<b>29</b>
<b>xiii. Feedback .....</b>	<b>30</b>
<b>xiv. Questionamento.....</b>	<b>31</b>

xv.	<b>Disciplina.....</b>	<b>31</b>
9.	<b>Organização e gestão da aula: criação de rotinas e controlo da turma .....</b>	<b>32</b>
10.	<b>Avaliação (Tipos, modalidades, formatos e autoavaliação).....</b>	<b>33</b>
xvi.	<b>Reflexão .....</b>	<b>36</b>
xvii.	<b>Observação.....</b>	<b>36</b>
11.	<b>Participação na escola e Relação com a comunidade.....</b>	<b>37</b>
xviii.	<b>Atividades realizadas .....</b>	<b>37</b>
A.	<b>Desporto Escolar .....</b>	<b>37</b>
B.	<b>Prova de corta-mato.....</b>	<b>38</b>
C.	<b>Evento: missão (im)possível: inclusão .....</b>	<b>38</b>
D.	<b>Seminário .....</b>	<b>39</b>
12.	<b>Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação</b>	<b>39</b>
13.	<b>Socialização profissional e institucional .....</b>	<b>41</b>
14.	<b>Desenvolvimento profissional.....</b>	<b>42</b>
xix.	<b>Formação contínua: Um imperativo da profissão.....</b>	<b>42</b>
15.	<b>Reflexões finais .....</b>	<b>44</b>
16.	<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>48</b>

## 1. Introdução

*Batista e Queirós (2013) afirmam que “A PES, é entendida como o culminar de um processo de construção de conhecimentos, teóricos e práticos, adquiridos ao longo da formação inicial”.*

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) insere-se no âmbito da unidade curricular com a mesma designação inserida no segundo ano do 2º ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (EEFEBS), do Instituto Universitário da Maia (ISMAI).

O presente RE visa o enquadramento numa vertente pessoal e profissional de tudo o que o EE é e tudo o que vivenciou durante a PS, bem como as perspectivas após este percurso.

Este é um documento com um cunho pessoal, onde a reflexão assumiu um papel fulcral na resolução dos problemas que o EE encontrou durante a PS.

A PS afigurou-se como o primeiro contacto com a realidade do EE no contexto escolar, na realidade que agora inicia, sendo um culminar com o que o EE até então aprendeu.

As expectativas iniciais aquando da iniciação da PS em Setembro do ano transato, focaram-se, de um modo geral, na aquisição de novos conhecimentos. Fruto da participação desta prática de ensino supervisionada e em resultado das críticas construtivas e feedback(s) esperava enriquecer a nível pessoal e profissional. Expectava, ainda, o EE ser capaz de transmitir aos alunos todos os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos até então.

*“É necessário dotar os futuros profissionais não apenas de conhecimentos e habilidades, mas fundamentalmente, da capacidade de mobilizar os conhecimentos e habilidades face às situações concretas com que se vão deparar no seu local de trabalho e de refletir criticamente sobre os meios, as finalidades e as consequências da sua ação pedagógica. Em suma, formar profissionais que sejam capazes de gerar novos conhecimentos e novas competências” (Batista & Queirós, 2013, p.36).*

Acreditava que a oportunidade de estar inserido numa escola com profissionais mais experientes permitir-lhe-ia desenvolver e melhorar as destrezas, as competências e as atitudes fundamentais ao exercício da docência em EF.

Contudo, talvez o contacto com a realidade de ensino não tenha correspondido totalmente ao que imaginava, pese embora todas as aprendizagens tenham sido enriquecedoras e fundamentais na construção do caminho que o EE iniciou.

Neste seguimento, só o contacto com a realidade e a análise e reflexão sobre os seus atos pode complementar o desenvolvimento das competências pedagógicas, tornando-o num profissional cada vez mais competente.

Nas palavras de Ferreira (2012, p. 20) “ter competências não é ser competente, isto é, ser detentor de competências não é garantia de competência, porquanto a competência é situacional, manifesta-se na ação e é de natureza relacional”. Assim é possível depreender, que só na ação, na constatação da teoria, o EE pode testar a sua competência.

A divisão em capítulos deste documento, apresenta-nos numa fase inicial o Enquadramento Pessoal. Representa uma “autobiografia”, na qual o EE enquadra ligações que o desporto teve na sua vida e o gosto desde pequeno pelo mesmo, e de que forma o percurso realizado pelo EE influenciou o caminho no qual hoje se encontra. Abordando ainda as expectativas iniciais que o EE teve, conforme mencionado anteriormente.

Segue-se a Prática Profissional, onde é abordado o contexto no seu todo onde decorreu a PS, in casu, Escola Secundária D. Maria II e Escola Básica de Lamações. Neste capítulo, para além duma breve descrição das condições da escola, é relatado ainda o trabalho desenvolvido com o NPS, PC e PO, e a turma de 12º ano e 5º ano. Neste ponto, destaca o EE as turmas com quem teve o gosto de lecionar, na medida em que ambas, apesar da disparidade de idades, permitiram a partilha de grandes experiências e conhecimentos aula após aula, tendo sido interessante o contacto com uma turma antes do ingresso no Ensino Superior e outra no início do 2º ciclo. Em suma, todos os agentes que, cada um com o seu contributo, permitiram e enriqueceram a aprendizagem e atuação prática.

Após um enquadramento do contexto em que estava inserido, o capítulo seguinte, Realização da Prática, engloba os comportamentos do EE. Nesta medida, o presente documento retrata a experiência vivida do estudante-estagiário no ambiente escolar e em contexto real do exercício da atividade profissional do professor, e tem como propósito central a partilha e, em retrospectiva, o desenvolvimento de uma reflexão sobre a reflexão na ação (Schön, 1997, 2000) das aprendizagens adquiridas (teóricas e práticas) ao longo do ano letivo, assim como das dúvidas e dificuldades sentidas. Este capítulo está dividido em três áreas distintas que, no entanto, foram realizadas em simultâneo:

- “Organização e Gestão do Ensino Aprendizagem”, onde o EE descreve todo o planeamento realizado, as dúvidas iniciais, e de que forma o EE sentiu necessidade de reajustar o plano nas aulas, conforme as situações com que o EE se deparou bem como as sucessivas reflexões da sua atuação, moldando assim a sua forma de estar e pensar a cada sessão. Esta área

engloba um processo bastante reflexivo, aliado à capacidade de reconhecer o erro, e em procurar soluções para mudar as situações menos positivas, considerando o EE que a superação de todas elas contribuíram para o crescimento enquanto pessoa e também para a formação académica.

Neste ano de estágio, o EE procurou mobilizar para a prática tudo o que aprendeu, tendo como base os ensinamentos que adquiriu como aluno. Por outro lado, tudo o que concretizou ao longo deste ano, estará certamente presente na sua vida enquanto professor.

- “Participação na Escola e Relações com a Comunidade”. Aqui são retratadas todas as atividades nas quais o EE se inseriu, e o contacto estabelecido com todos os agentes com que se deparou durante a PES.

- “Desenvolvimento Profissional”, é referente ao estudo de investigação-ação do NE.

Em suma, ao longo deste RE são abordadas várias questões na área da Educação Física (EF) que sinto que ainda podem ser melhoradas, e conseqüentemente apresento as minhas respostas refletidas em busca de possíveis soluções para um melhor desempenho no processo ensino-aprendizagem na EF.

No domínio das reflexões finais, afigura-se este capítulo fundamental para a futura prática pedagógica como professor, visto que possui uma componente reflexiva e crítica.

## **2. Dimensões: pessoal e profissional**

### **i. Uma decisão a partir de um percurso**

Godinho (2010), defende que “o processo de formação do Professor Estagiário é algo pessoal e pode ter diferentes desfechos de acordo com a sua personalidade, características pessoais”.

Neste entendimento surge também Hangreaves e Fullan (1992) “(...) a carreira de docente configura-se como um caminho de formação permanente e de desenvolvimento pessoal e profissional, que abrange não só os conhecimentos e competências que o Professor Estagiário constrói no decurso da formação académica, mas também na pessoa que ele é, com toda a sua história de vida”.

Neste seguimento, é indubitável que todo o passado do EE, todas as vivências, boas e menos boas, fizeram em muito aquilo que hoje é, tendo igualmente, contribuído para chegar onde hoje chegou.

Desde tenra idade que o desporto foi algo muito presente na sua vida, porquanto na família sempre ter havido várias pessoas a praticar algumas modalidades coletivas, inclusive, a nível federado. Até mesmo pelo facto de ter muitos primos, que desde sempre praticaram

desporto, sempre que estavam juntos havia algum jogo para jogar. Recordo o EE, de todos os domingos, ainda pequeno, percorrer a casa em corrida com o seu pai, para depois jogarem à bola e posteriormente o “imitar”, fosse nas flexões ou alongamentos. O que desde cedo fez com que o desporto fosse uma constante na sua vida, ganhando cada vez mais o gosto pelo mesmo.

Crê o EE, como a maioria na sua idade, que em miúdos, quase todos têm o sonho de um dia se tornarem jogadores. Talvez por isso, e com o seu tamanho gosto pelo futebol, combinou as suas duas primeiras, grandes, paixões: o desporto-rei, e o Vitória SC, na escola de futebol, “os Afonsinhos”. Sempre foi evidente o gosto que nutria pelo desporto, encontrando-se desde sempre ligado ao mesmo, quer como praticante, in casu, quer como adepto.

O fascínio pelo Clube, do qual o EE é um apaixonado e fervoroso adepto desde que nasceu, fez com que a ligação, o afeto ao desporto fosse ainda maior, por toda a envolvimento associada ao mesmo mais concretamente, o Futebol.

Assim, foi crescendo e chamando à atenção dos treinadores dos escalões federados do clube (visto que apenas a partir de certa idade se sai da escola de formação para os federados) e sendo chamado com regularidade aos mesmos.

Contudo, quando tudo parecia estar a correr bem (nesta altura já com um irmão três anos mais novo) o seu mundo desabou por completo, com a perda do pai. Um miúdo (ou melhor, dois, neste caso), não mereciam, nem merecem, algo desta dimensão, numa fase tão precoce da sua vida. Pese embora nunca estejamos preparados para uma perda tão grande e sentida, nestas idades não é, ou não deveria ser exigido a uma criança crescer tão rápido. Tal acontecimento profundamente marcante, fez com que crescesse, aprendendo a valorizar o que realmente importa. O que, no dia de hoje, se reflete na maturidade que o EE tem.

Reconhece o EE que a sua mãe, em jeito de proteção, os tenha levado para Braga, onde frequentou o ensino secundário, algo que nunca foi bem aceite pelo mesmo, e apesar de todo o esforço para tentar perceber, não conseguia. Talvez por ter um sentimento de pertença tão grande à cidade berço, Guimarães, sabendo que o elo de ligação à mesma nunca seria perdido, nem a identidade de quem ali nasceu.

Com esta mudança, apesar do Vitória SC lhe ter oferecido transporte diário para os treinos, o EE optou por deixar o futebol por uns tempos, até se adaptar e integrar uma escola de futebol de menor dimensão, em Braga, onde, posteriormente, derivado ao crescente interesse e paixão pelo futebol, jogou a nível federado durante uma época, antes de ingressar no Curso de

Especialização Tecnológica (doravante, CET) de técnico de desporto e lazer, no ISMAI. De realçar que, no final de CET o EE realizou um estágio, ainda que de outra índole, no ginásio GymTonic, o que permitiu ao EE adquirir outro conhecimento, proporcionando igualmente bastantes bases, permitindo conhecer além do que nos é possível enquanto frequentadores de um ginásio, nomeadamente o contacto com profissionais do desporto e demais, adquirindo experiência, permitido também saber um pouco mais deste mundo que é o desporto, o que procuram as pessoas aquando da inscrição num ginásio, procurando o EE saber o que mais as motiva, pois nesta área tão complexa, ainda que pareça simples do desporto, mais importante que uma vertente teórica, é a vertente prática. Isto porque não basta saber “o quê”, é também fundamental saber “como” fazer. Assim, com todo o apoio familiar e amigos, que muito o EE enaltece, por sempre acreditarem que seria capaz, quando o próprio duvidada, ingressou na Licenciatura em Educação Física e Desporto, onde teve o privilégio de encontrar docentes bastante profissionais que incutiram um conjunto de saberes e valores, tais como o trabalho em equipa, o constante crescimento pessoal e profissional, o importante de investirmos no nosso conhecimento, o aprender a ser.

Neste sentido, a ideia da docência esteve sempre presente, aliada aos saberes e valores que lhe foram transmitidos ao longo do seu percurso pessoal e académico, permitindo, o seu enriquecimento quer a nível profissional, quer a nível pessoal, no âmbito do vasto leque de áreas de que o desporto abraça. Foram tais valores que acabaram por ditar o ingresso no presente mestrado, dando assim continuidade ao que já havia aprendido. Sentiu necessidade de abraçar ainda mais o Ensino na EF na medida em que sempre acreditou que a EF, uma das expressões das Ciências do Desporto, e pela sua vertente mais dinâmica e igualmente próxima dos alunos, consegue derrubar tabus, preconceitos, permitindo ser um “refúgio” para tantos alunos.

Afirma o EE que sempre almejou sentir-se útil, e assim, realizado a nível pessoal ao saber que conseguiu transmitir alguns saberes e valores, mostrando que são capazes de chegar onde previamente não acreditavam conseguir.

Outros dos aspetos que pesou no seu ingresso no ensino foi o de saber que iria enriquecer com o que os alunos tinham para lhe ensinar. Defende o EE que a Escola, e os Professores se devem moldar às necessidades dos alunos, àquilo que eles esperam deles, na medida em que devemos proporcionar iguais oportunidades, como as que lhe foram proporcionadas. O EE caracteriza-se por ser introvertido, tímido pelo que todo este “novo mundo” o deixou um pouco receoso do que estaria por vir, sentindo desde início que tal mestrado lhe iria permitir crescer,

libertar-se, e acima e tudo ganhar maior confiança, o que se reflete não só a nível profissional como no quotidiano.

Ironia das ironias, o seu pai faleceu enquanto jogava ténis com um amigo, de ataque cardíaco. Porém, crê o EE que é aqui onde os valores que o pai lhe transmitiu mais se evidenciam. Isto porque, nunca foi de desistir de nada, acreditando que não existem impossíveis, e que tudo de uma forma ou outra sempre acontece por uma razão, por muito que a mesma só seja perceptível a longo prazo. Acredita o EE que todas estas vivências, dotadas de um grande significado, contribuíram, e muito, para aumentar o seu gosto pelo desporto. Talvez pelo facto do seu pai ter praticado a nível federado Andebol, tentou desde sempre inculcar a importância da prática de atividade física desportiva (AFD). Crê o EE que o gosto pelo desporto advém de tais valores, de ir ao estádio com Ele ao fim-de-semana, brincar com Ele ao final do dia, com a certeza que no dia seguinte iria ser igual, no fundo, partilharem, em conjunto, momentos que nenhum sofá proporciona.

Cresceu com a mentalidade de nunca deixarmos que as crianças considerem que o desporto, nomeadamente o futebol, é um programa de televisão. Há que inculcar a ideia de praticar desporto, combatendo o sedentarismo que insiste em prevalecer hoje em dia, como fizeram, felizmente, com ele. Talvez por isso, e face ao supra exposto, o gosto pela docência se prende com este intuito. Cativar os alunos à prática desportiva, inculcando-lhes valores.

Apesar de todas as adversidades que eventualmente possam surgir na nossa vida, sendo que grande parte deles não nos são imputáveis, não podendo escolher o que nos acontece. Podemos, porém, escolher como (re)agir face ao que nos aconteceu.

O EE, acredita ter ganho maiores alicerces para fazer face a tais situações, sendo possível transmitir aos alunos confiança, perseverança, provando que nunca devemos desistir daquilo que queremos. Batista et al. (2014) advogam que “ser professor envolve, na sua essência, a (trans)formação da identidade do professor, de um processo que se inicia antes da formação superior, seguindo-se a socialização durante a formação inicial, continuando ao longo do percurso profissional”.

Atendendo ao aludido pelos autores, com todas as aprendizagens e vivências a que acedeu ao longo do seu percurso académico, social e pessoal, tentou levar avante, ao que sempre se propôs, com toda a boa disposição, trabalho, dedicação e acima de tudo, alegria.

Indubitavelmente sempre teve como certeza, o que foi reforçado com todo o percurso do mestrado, que a aprendizagem da docência não é apenas o ingresso na profissão. É, assim, um processo construído ao longo da vida onde cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional, sendo esses marcos, bons ou menos bons que fizeram e fazem do EE aquilo que é.

Neste seguimento, nem isso fez com que abandonasse a ideia de seguir uma carreira profissional ligada ao desporto. O enorme gosto em lidar com crianças, e inculcar-lhes o entusiasmo pelo desporto e exercício físico, bem como transmitir-lhes aquilo que, felizmente, aprendeu e vivenciou com o seu pai, fez com que tivesse mais ânimo e vontade em licenciarse, como referiu anteriormente.

Ainda que, de per si, a Licenciatura fosse na área de EF, o objetivo sempre foi o de prosseguir para o Mestrado que frequenta, o do Ensino da EF no Ensino Básico e Secundário, conseguindo, assim, aliar o seu gosto em Desporto às crianças, primando por inculcar-lhes, desde tenra idade os benefícios da prática desportiva, as simples “brincadeiras” próprias da idade, que em muito contribuem para o bom desenvolvimento das crianças, à docência, que não o vissem somente como um “professor”, mas sim como alguém que fosse capaz de os cativar, motivar, estando à frente deles e serem capazes de afirmar que conseguiram aprender algo com o EE, conseguindo demonstrar que não é apenas “debitar” matérias, mas ao mesmo tempo, transmitir valores, ensinamentos, que poderão aplicar no seu quotidiano em todas as suas vertentes.

Por fim, e nas palavras de Nóvoa (2008, p. 44) afirma que “A profissionalidade docente não pode deixar de se construir no interior de uma personalidade do professor.”

## **ii. Expectativas Iniciais**

A PS, vulgo estágio, assumiu-se como um ponto de viragem entre o que foi abordado ao longo do curso, na sua vertente mais teórica e que agora tivemos a oportunidade de mobilizar para a prática. Sendo esta a altura em que conseguimos conciliar uma formação inicial anterior com uma formação mais específica.

As expectativas foram sempre as melhores, pese embora nem tudo tenha sido como havia esperado, sucedendo igualmente o contrário.

Sabia o EE de antemão, que se iria deparar com uma realidade diferente e desafiante, onde a sua capacidade de adaptação, superação iria ser constantemente colocada à prova.

Sempre foi um pouco reticente, o não saber o que o espera deixava-o ansioso, inquieto, mas ao mesmo tempo o desconhecido sempre foi algo que motivou o EE, o querer saber mais e descobrir-se a si próprio também.

Sem dúvida que inicialmente receou o primeiro impacto com a escola cooperante, não tanto com o corpo docente, mas com os alunos. Amedrontava, um pouco, a forma como eles o iriam ver.

A incerteza na receção dos alunos, foi algo que prontamente foi desfeita, na medida em que receberam o EE muito bem e nunca o viram como um mero EE, respeitando-o e acolhendo-o bem.

Relativamente ao núcleo da PS, sabia que iria encontrar docentes exigentes, zelando sempre pelo seu contínuo crescimento, porquanto sempre o incentivaram, inculcaram valores, partilhando experiências, e tão importante como dizer como deveria fazer, sempre disseram o que não deveria nem poderia fazer. Em relação aos colegas, EEs, crê que trabalharam bem em equipa, pese embora, pudessem talvez ter correspondido um pouco mais ao que também esperavam deles.

As expectativas corresponderam, na medida em que acredita que existiu uma cordial relação com o NPS, quer demais EEs, como OC, pese embora reconheça o EE que não raras vezes foi chamado à atenção, no sentido de melhorar alguns comportamentos, corrigindo-os.

Os principais objetivos para este ano letivo, passavam por poder partilhar conhecimentos adquiridos com os educandos, sempre com o intuito que estes vissem a EF como um meio para melhorar hábitos, adquirindo-os igualmente, contrariando tendências sedentárias, que como sabemos é um dos grandes problemas afetos a esta faixa etária. Esta disciplina tinha como principal objetivo melhorar a condição física e mental dos alunos, tendo esta prática de exercícios um papel fundamental para a saúde dos mesmos. Roldão (2007, pp. 95-97) defende que “(...) ser professor não é apenas ser um transmissor de conhecimentos, mas sim fazer com que alguém aprenda algo”.

As expectativas em relação à PS focaram-se, de um modo geral, na aquisição de novos conhecimentos. Fruto da participação desta prática de ensino supervisionada e em resultado das críticas construtivas e feedback(s) esperava o EE enriquecer-se a nível pessoal e profissional.

Acreditava que a oportunidade de estar inserido numa escola com profissionais mais experientes permitir-lhe-ia desenvolver e melhorar as destrezas, as competências e as atitudes fundamentais ao exercício da docência em EF.

Expectava como objetivo ser mais autónomo, responsável, determinado, para conseguir fazer face a todas as situações que se avizinhavam. Tal foi possível, a médio longo prazo, pelo grupo coeso em que estava inserido. Só com um grupo cooperante, em que todos trabalhem em prol de um só objetivo, é possível obter os resultados previamente estipulados.

As expectativas, após passar a fase inicial, de maior intranquilidade, eram de conseguir inculcar na turma um sentido generalizado de responsabilidade para não abandonarem o desporto ou a atividade física após deixarem a escola. Mais que um professor, ainda que EE, sempre foi intuito do EE conseguir transmitir a ideia de confiança, de modo a conseguir cativá-los ao longo das aulas, tendo, a seu ver, de um modo geral conseguido cumprir aquilo a que se propôs, reconhecendo, porém, que todo este árduo caminho da docência, tem ainda muito a ser percorrido. Podendo melhorar dia a dia, enriquecendo-se, e só assim, a nível pessoal e profissional.

### **3. Enquadramento Institucional:**

#### **iii. A Importância da PES**

Relacionando-se se com a Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), a PS insere-se no 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, do Instituto Universitário da Maia (ISMAI).

A PS, vulgo estágio, afigurou-se, indubitavelmente, como uma etapa fulcral na formação profissional, uma vez que permitiu desenvolver determinadas competências, que até aqui desconhecia, como a sua fácil e reajustável adaptação às circunstâncias adversas que lhe foram colocadas, permitindo caminhar a passos largos para o sucesso da aprendizagem dos alunos, permitindo igualmente, colocar em prática aquilo que lhe fora lecionado até então.

Revelou-se como um momento não só de de prática e reflexão mas, acima de tudo, de ganhos pessoais e profissionais. Foi aqui, onde traçou, delineou objetivos, e onde se deparou com obstáculos que previamente não perspectivava. Neste seguimento, a PS afigurou-se enriquecedora, algo que o colocou à prova, tendo que superar-se todos os dias.

O intuito, primordial da PS, nas palavras de Matos (2003) passou pela integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais dos futuros docentes, um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão, decorrendo a mesma numa escola cooperante, tendo a PS permitido ao EE conhecer os verdadeiros contornos da profissão.

Neste entendimento, Queirós (2014) reitera que “a prática de ensino em contexto real é reconhecida como uma das componentes mais importantes nos processos de formação inicial de professores, oferecendo aos futuros professores a oportunidade de imergirem na cultura escolar nas suas mais diversas componentes, desde as suas normas e valores, aos seus hábitos, costumes e práticas de uma determinada comunidade específica.”

Com efeito, é no contexto prático, no contacto com a comunidade escolar, que somos capazes de conhecer os contornos da profissão, tornando-nos aos poucos membros desta mesma comunidade. O contexto real de prática profissional, constituiu assim, uma peça fundamental da estrutura formal de socialização inicial na profissão tendo sido a PES “um momento de excelência de formação e reflexão”.

Foi o culminar do conhecimento adquirido na formação inicial e o conhecimento adquirido na experiência profissional. Foi ao deparar-se com a verdadeira realidade, que conheceu com todos os seus pontos bons e menos bons, a profissão que abraçou.

Não menosprezando a fase teórica da sua formação inicial anterior, que foi deveras fundamental na parte prática, foi nesta fase que o EE aprendeu a lidar com as situações que lhe

foram colocadas, muitas vezes, adversas no quotidiano escolar, que serviram para lhe colocar à prova, conhecendo-se e superando-se. Nesta senda, e de acordo com Queirós (2013, p. 33) “o processo formativo para esta profissão deve contemplar a tomada de decisão em situações imprevisíveis, pois só assim é possível preparar o professor para atuar de acordo com as exigências específicas da profissão. É a oportunidade de vivenciarmos na prática a realidade que vamos enfrentar como profissionais de educação física, permitindo-nos adquirir experiência na nossa área de atuação e identificarmos de perto as dificuldades que as escolas apresentam, relativamente à própria educação, infraestruturas, materiais, entre outros aspetos”.

Em suma, a PS teve como propósito, conforme supra mencionado, facilitar o processo de inserção do estagiário na comunidade docente.

Indo novamente ao encontro de Queirós (2014) a mesma defende que “*se a entrada na profissão docente é uma fase muito importante do desenvolvimento do conhecimento e identidade dos professores, o estágio profissional pode ser claramente entendido como terreno de construção da profissão*”.

A PS afigurou-se, assim, como um momento não só de aprendizagem, mas de reflexão, na medida em que possibilitou ao EE uma constante evolução diária, permitindo corrigir os erros que o EE ia cometendo, aula após aula, através quer das impressões dos alunos como das Professoras OC e SV.

#### **4. A PES no ISMAI:**

##### **iv. Enquadramento legal**

A PES, no campo da docência em Portugal, encontra-se superiormente enquadrada pelo Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio e Decreto-Lei nº 74/2006 de 24 de março, na versão revista e alterada pelo Decreto-Lei nº 63/2016 de 13 de setembro, que especifica as condições de obtenção de habilitação profissional para a docência. Todas as áreas de docência de ensino não superior, à exceção da docência em jardim infantil ou do primeiro ciclo de escolaridade, implicam a conclusão de um curso especializado de segundo ciclo (grau Mestre) para um domínio de docência, com uma duração de quatro semestres (120 unidades de crédito do sistema europeu – ECTS).

##### **v. Enquadramento institucional:**

A unidade curricular PES no ISMAI está inserida no 2º ciclo de estudos em EEFEBS, mais especificamente nos 3º e 4º semestres e é constituída pela Prática Pedagógica em contexto real de ensino, na escola e pelo Relatório Final, que tem que ser defendido perante um júri em provas públicas.

Para a operacionalização da PES, o ISMAI estabelece protocolos com uma rede de escolas cooperantes, que inclui a escolha de um professor OC, um professor de EF experiente para acolher e orientar um grupo de 2 ou 3 EE (núcleo da PES), durante um ano letivo, cada qual assumindo turmas do OC para concretização da sua PS, por forma a proporcionar aos EE um desenvolvimento de competências mais enriquecedoras e de forma sustentada. Para além do OC, que assume um papel decisivo no acompanhamento dos EE, cada núcleo de estágio conta ainda com a orientação de um docente do ISMAI que coordena a sua ação de supervisão com o OC e orienta a elaboração do relatório final dos respetivos EE: o/a professor/a SV. A Prática de Ensino Supervisionada “(...) visa a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.” (Matos, 2016, p. 3). Na PS estão definidas três áreas de desempenho que procuram ser um veículo de desenvolvimento das competências profissionais que o EE terá de dominar para exercer a profissão de ser professor de EF, designadamente: 1 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem, 2 - Participação e relação com a comunidade, e 3 - Desenvolvimento profissional.

O objetivo da unidade curricular da PES passou pela integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que fossem capazes de promover aos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências próprias da profissão. (Documento Orientador da PES; Pereira, 2014).

#### **vi. A Escola Cooperante: Lugar de Prática**

No que concerne a Escola Cooperante, a prática da PES inseriu-se na Escola Secundária D. Maria II, inserida na área geográfica da união de freguesias de S. José de S. Lázaro, fica situada no Norte de Portugal no Distrito de Braga e pertence ao Concelho de Braga.

O AEDMII tem como objetivo promover uma educação plena e de sucesso para todos, onde cada educando encontra espaço para desenvolver as suas potencialidades e realizar-se enquanto ser humano.

No âmbito de uma reforma administrativa nacional, foram agregadas as freguesias de São José de São Lázaro e de São João do Souto, para formar uma nova freguesia denominada União das Freguesias de Braga (São José de São Lázaro e São João do Souto) com a sede em São José de São Lázaro.

No que respeita as instalações, a mesma possui: 45 salas de aula, 9 laboratórios, 5 salas TIC, 3 salas de Desenho, 1 sala EVT, 1 sala ET, 1 sala de Oficina de Artes, 1 sala de teatro, 2 auditórios, 2 espaços polidesportivos cobertos, 2 espaços polidesportivos descobertos, 2 salas do aluno, 1 cantina, 1 bar para os alunos, 1 bar para professores, 1 biblioteca/CRE, 1 secretaria, 1 papelaria- reprografia, 1 sala DT, gabinetes de atendimento a EE, sala do Conselho Geral e Associação de Pais e Encarregados de Educação, sala da Associação de Estudantes, Gabinete de apoio o aluno, gabinetes de trabalho para professores; Centro de Formação Braga Sul; Recursos Humanos - 374 docentes, 14 assistentes técnicos, 15 assistentes operacionais;

O Desporto Escolar tem como visão fazer com que todos os alunos do sistema educativo pratiquem regularmente atividades físicas e desportivas.

A sua principal missão é, então, a de proporcionar o acesso à prática desportiva regular e de qualidade, contribuindo para a promoção do sucesso escolar dos alunos, dos estilos de vida saudáveis, de valores e princípios associados a uma cidadania ativa.

O gabinete de desporto escolar da escola pertence à coordenação local de Braga que está inserida na coordenação regional do norte e sucessivamente à Coordenação Nacional do Desporto Escolar.

A escola contém 2 clubes distintos, cada um com o seu gabinete. São eles o Clube de Astronomia/Ciência Viva, e o Clube de Artes.

Apesar de haver a sala dos docentes, existe ainda um gabinete direcionado para o grupo de EF (Educação Física) que se situa no piso 0 do bloco E. Este está equipado com 3 computadores, mesas, cadeiras, armários e ar condicionado. É aqui que o grupo se junta para tratar de assuntos relativos à disciplina e é o local de trabalho do núcleo de estágio.

No que respeita a prática da Educação Física, destaca o EE os espaços que lhe foram disponibilizados para a realização das aulas:

A escola dispõe de cinco zonas para a prática de atividade desportiva, sendo estes:

- Ginásio (G) – Local onde se lecionam preferencialmente aulas de ginástica, dança e badminton;
- Polidesportivo 1 (PD1) – É um espaço semicoberto onde é possível lecionar todas as modalidades consoante as marcações existentes. Ou seja, pode-se lecionar voleibol, andebol, futsal, basquetebol, badminton e ginástica;
- Polidesportivo 2 (PD2) – É totalmente coberto, sendo possível lecionar ginástica, dança, badminton, basquetebol e voleibol;

Polidesportivos Exteriores 1 e 2 (PE1 e PE2) – Podem ser abordadas as modalidades de voleibol, basquetebol e badminton. Em caso de chuva, estes espaços ficam inutilizáveis, sendo que o PD1 terá de ser repartido pelos professores que ocupam o PD1 e PE1.

Pese embora houvesse uma grande oferta de recursos, nem sempre os mesmos foram capazes de dar resposta às necessidades. Isto porque, o *roulement* pré-definido e a consequente gestão do espaço, revelou ser, algumas vezes um entrave. Uma vez que existe um roulement de instalações pré-definido, todas as semanas as aulas eram lecionadas em espaços diferentes, o que fez com que a UD variasse, sendo algumas UD lecionadas um pouco espaçadas umas das outras. As condições climatéricas e o *roulement* condicionaram por vezes o planeamento das aulas, pois quando tais situações surgiram, o espaço tinha que ser alterado, havendo mesmo necessidade, por vezes, de partilhá-lo com outros professores, pelo que foi necessário uma grande sintonia com os demais docentes, tendo obrigado o EE a ter que improvisar, com todas as condicionantes existentes, e adaptar-se às circunstâncias. O que se revelou, assim, uma ameaça, no que respeitava à gestão do espaço.

Relativamente à área de desempenho organização e gestão do EA, foram atribuídas turmas do 12º (Turma Residente) ano de escolaridade, assim como a leção de uma UD (Futebol) na turma do 5.º ano (Turma Partilhada) da Escola Básica de Lamações.

Fazendo uma breve caracterização de ambas as turmas, o EE identificou comportamentos divergentes, sendo a turma do 5.º ano mais agitada, muito embora empenhada e motivada. Tendo sido, contudo, necessário por vezes o EE adotar uma postura mais rígida, no sentido de se impor perante a turma.

Apesar da disparidade de idades, o EE em algumas situações sentiu necessidade de adotar igual comportamento na turma de 12º, porquanto se revelaram em alguns momentos desatentos, desinteressados, o que se refletiu em diversas situações nas aulas, ainda que prontamente o EE tenha conseguido solucionar, reconhecendo inclusive a união da turma e cooperação para com o EE. Salienta o EE que na maioria das aulas a generalidade da turma demonstrava a maturidade que lhes é própria da idade, sendo empenhados, unidos, conforme já mencionado, o que desde início facilitou e muito o trabalho do EE.

Comparando ambas as turmas, foram bastante participativas, tendo sido perceptível o progresso de ambas.

No que concerne a turma de 12º, aquando do início do ano letivo, o EE realizou através de uma ficha sociobiográfica, a caracterização da turma, tendo sido possível verificar através da mesma, que o principal fator da escolha pela Escola na qual se inserem, respeitava ser a mais próxima da zona de residência. Ademais destes dados, foi possível perceber que na generalidade da turma nutriam gosto pela disciplina de EF, tendo sido importante para o EE, conhecer as características físicas dos alunos, bem como a frequência com que praticavam desporto. No sentido de alcançar uma melhor motivação e empenho dos alunos com a disciplina de EF, foi pertinente a análise de alguns fatores como a nota que estes ambicionavam alcançar no final do ano letivo, as disciplinas e as UD preferidas no âmbito da EF, bem como o que mais apreciam num “bom Professor de EF”.

De uma forma geral, a recolha de dados foi fundamental para a compreensão das atitudes, comportamentos, receios, motivações e preocupações dos alunos.

Afigurou-se um fator de extrema importância para a PS do EE, no sentido em que possibilitou um apoio para o mesmo, tendo um conhecimento pormenorizado da turma que iria lecionar.

## **5. O Núcleo da PS: Espaço de Socialização Pessoal, Profissional e Institucional:**

“O segredo de um grande sucesso esta no trabalho de uma grande equipa.”

*Murillo Cintra de Oliveira Margarida*

No que concerne ao papel da OC, no Regulamento da Unidade Curricular, nas suas variadas funções, destaca o EE: o incansável esforço que manifestou em orientar os estagiários; o forte apoio aos estagiários, em todas as atividades do projeto de formação desenvolvidas no Agrupamento de Escolas, promovendo a integração do NPS na comunidade; supervisionar a atividade letiva dos estudantes estagiários nas turmas às quais estão adstritos e em todas as atividades programadas; avaliar individualmente os estudantes estagiários, elaborando um perfil inicial de cada estudante estagiário e todos os documentos decorrentes de avaliação; colaborar na classificação do desempenho do Estagiário.

Para Queirós (2013) o PC teve sempre um papel decisivo no decorrer do Estágio Profissional, “nomeadamente no acompanhamento do estudante- estagiário. O professor cooperante deve dar oportunidade ao estudante estagiário de ganhar autonomia de decisão, progressivamente, deixando assim o estudante estagiário ser responsável pelas próprias ações e decisões (Batista, 2014).

Ainda neste entendimento, Rodrigues (2015, p. 93) afirma que o PC é responsável pela “ação de acompanhamento, orientação e supervisão de atividades práticas ao nível da docência, de alunos que, na continuidade dos conhecimentos teóricos que adquiriram, têm agora que os testar, experimentar e utilizar na prática a fim de aprenderem como funcionam em contexto real.”

O EE não pode deixar de reforçar que a OC sempre o colocou à vontade, dando liberdade de atuação no correr das aulas. Aliás, podia e devia ter tirado um maior proveito de todas as oportunidades que a OC proporcionou, o que se refletiria numa maior e melhor prestação do seu estágio, porquanto todas as falhas que cometeu, e reconheceu em todos os momentos poderiam ter sido evitadas, por quem tanto e tão bem o alertou.

No que respeita ao grupo de EF, desde o princípio, que os receberam bastante bem, tentaram colocar todo o NPS sempre à vontade, mostrando-se receptivos para auxiliar os EE em tudo que necessitassem. Sempre foi um grupo bastante acolhedor e trabalhador, tentando explorar ao máximo os pontos fortes de cada um.

Na maioria das tarefas que foram surgindo ao longo do ano, tentou o EE colaborar sempre com os seus colegas EEs, de modo a que em equipa conseguissem atingir aquilo a que

se propuseram desde início, pese embora cada um tivesse a sua turma, o EE auxiliou sempre os seus colegas quando necessário nas aulas deles, bem como sucedera o contrário.

É verdade que a OC, muita paciência teve com todo o NPS ao longo do tempo, pois embora o EE saiba e soubesse, que podia ter dado um pouco mais de si, crendo que os seus colegas pensarão de igual modo, não por falta de motivação, mas nem sempre se empenhou como lhe era exigido. Reconhecendo que em algumas situações ficou aquém daquilo que era pretendido.

Contudo, o bom relacionamento entre os colegas ajudou a seguir os melhores caminhos e procurar as decisões mais corretas. Segundo Batista e Pereira (2014, p. 92) “entende-se que o núcleo de estágio, constituído pelos estudantes estagiários, professores cooperantes e orientador da faculdade, devem funcionar como comunidades práticas, levando os estagiários a gerar novo conhecimento e novas competências”.

Ainda no que ao NPS, a OC e demais Departamento de EF diz respeito, a convivência com a OC, afigurou-se crucial e fundamental no seu crescer, tendo aprendido e muito em todas as vezes que chamou o EE à atenção, tendo a plena consciência que tudo fora para o seu bem, tentando motivar o EE, e mostrando que era capaz de mais. De uma forma sucinta reitero as palavras de Stones e Morris (1972) cit. por García, (1999, p. 40) onde afirmam que: “se queres chegar a ser um bom professor, faz o que os bons professores fazem”.

Pese embora o confronto, a competição quando inseridos num grupo sejam características próprias do mesmo, afirma o EE que no núcleo no qual se inseriu, a mesma não se fez notar. Pelo contrário, houve bastante cooperação, cordialidade, entreajuda. Sem dúvida que foi um grupo bastante coeso e unido.

Com a restante comunidade escolar, a relação foi bastante agradável, tendo sido bem recebido por todo o corpo docente, e demais elementos que são igualmente importantes numa escola. Foram sem dúvida uma mais valia, um porto de abrigo neste caminho que o EE iniciou. Tendo sido condição necessária e suficiente para todo este percurso correr da melhor forma.

É de destacar a turma que o EE teve a honra de lecionar, tendo como certo que são os alunos o elemento mais importante de todo este percurso. Sendo uma turma de 12º ano, com ideais diversos, formas de pensar e estar extremamente distintas, foi grande o receio do EE, na medida em que não sabia como o iriam receber, se o iriam ver apenas como um mero Estagiário, não conseguindo impor-se como alguém que vissem com respeito. O que, felizmente, não aconteceu. É certo, que cada aluno é único, pelo que se afigurou necessário, “estuda-los”, tendo sido um enorme desafio, conquistar a confiança da turma aula após aula. Sentiu o EE que a sua atuação lhes permitiu desenvolver o gosto pela EF.

Muito embora a turma fosse numerosa, composta por 26 alunos, 15 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, sendo a média deles de 17 anos, era uma turma, na ótica do EE, unida, empenhada, o que facilitou em muito na condução das aulas, ainda que em algumas UD o EE houvesse tido a necessidade de dividir a turma para a prática de alguns exercícios, tenha sentido desinteresse e desempenho por parte dos alunos, conforme já mencionado anteriormente. O que, nem sempre, permitiu ao EE gerir da melhor forma o controlo sobre a turma.

Recorda-se o EE da 1ª aula, onde os nervos o dominaram por completo, e prontamente se foram dissipando, pela extrema amabilidade com que toda a turma o recebeu. Recorda o EE que aula após aula, EE e alunos foram conhecendo-se, tendo enriquecido com o que todos eles lhe mostravam, com a certeza que que lhes transmitiu valores, gosto pela prática da EF tendo-os motivado diversas vezes, o que encheu o EE de orgulho quando via a satisfação na cara dos alunos. O excerto de reflexão de aula seguinte dá conta destas emoções iniciais:

*“Relativamente ao dia de hoje, posso dizer que foi marcado por um misto de emoções pois, se por um lado, havia uma grande ansiedade por começar, havia também um grande nervosismo e inquietação pelo primeiro contacto com os alunos e, neste sentido, qual a reacção destes para comigo”.* (Diário de PS, 17 de Setembro. O 1º dia).

No correr da PS, o EE tendo tido a oportunidade, e simultaneamente o gosto, de lecionar em dois ciclos de ensino distintos, o que se revelou extremamente benéfico e enriquecedor quer pessoal, quer profissionalmente, na medida em que foi possível contactar com alunos e métodos tão diferentes.

O EE teve como TR a turma de 12º, conforme mencionado anteriormente, tendo tido um conhecimento prévio da mesma, contrariamente ao que sucedera com a TP, na Escola básica de Lamações. Contudo, o EE reconhece que tal adaptação, pese embora não tenha tido esse conhecimento prévio, foi facilitada pelo facto de apenas ter sido no 2º Período, uma vez que já possuía alguma bagagem, experiência no que respeita a realidade escolar, ainda que a TR fosse uma turma de 12º ano, onde tudo é diferente face ao 5º ano.

Não obstante tamanha diferença entre as turmas, o EE facilmente se integrou na turma, reconhecendo que o empenho e motivação dos alunos em muito contribuiu para que fosse possível. Talvez, por ter sido uma modalidade que o EE se sentia extremamente confortável, o Futebol, a dedicação, o gosto pelo ensino e inculcar desde cedo nos alunos o mesmo, tenha sido crucial.

Neste seguimento, considera o EE que criou uma boa relação com a TR, pois apesar de serem muito jovens, o que fazia com que fossem bastante inquietos, foram sempre

demonstrando uma alegria contagiante e inesgotável durante as aulas, o que se refletia no modo como se empenhavam em todos os exercícios propostos pelo NE.

Nas palavras do EE,

*“Sendo os alunos de 5º ano, o ânimo para as aulas de EF, a meu ver, é maior do que os do 12º ano, que lecionamos na outra escola. Encontram-se mais motivados, essencialmente se fizerem atividades que envolvam competições.*

*Talvez consigam ver o Professor com maior respeito, mas são mais irrequietos, tendo por isso que serem chamados mais à atenção, impondo mais regras e rotinas.”* (Reflexão 1º dia de aulas 5º ano, Lamações)

## **6. Prática profissional**

### **vii. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem**

*“A aprendizagem da profissão docente não principia com a frequência de um curso de formação inicial, nem termina com a obtenção de uma licenciatura em ensino; é algo que o professor realiza durante toda a sua vida”* (Costa, 1996, p. 9)

Este capítulo afigura-se imprescindível no que respeita o RE, uma vez que foi aqui que o EE deu a conhecer o trabalho realizado e mobilizado no seu processo de ensino e de aprendizagem.

Para iniciar a prática pedagógica, o professor necessita preparar-se para os desafios que o ano letivo acarreta, devendo aprofundar o seu conhecimento relativamente aos contextos em que se insere. Como referem Batista e Queirós (2013), a formação passa por processos de investigação que são diretamente ligados com as práticas educativas, que permitam ao professor apropriar os seus conhecimentos para depois mobilizá-los no exercício da sua profissão.

Deste modo, foi fundamental analisar os documentos relevantes da escola cooperante, nomeadamente o Projeto Educativo de Escola, o Plano Anual de Atividades, o Regulamento Interno e os Programas de Educação Física entre outros, para que fosse possível definir os conteúdos a serem tratados, os objetivos de ensino e as metodologias a serem empregues na PS, tendo sempre em conta o contexto da prática e a mutação que este pode sofrer. Como refere Bento (2003, p.43), “O processo de ensino em Educação Física é

sempre um processo integral, complexo, unitário. Visa desencadear nos alunos uma continuidade e progressividade de efeitos psíquicos e biológicos no interesse do aumento gradativo do seu rendimento corporal e desportivo e do seu desenvolvimento como personalidades.”

Atendendo a esta citação, não pode o EE deixar de concordar afirmando que, como professores, a procura pelo conhecimento deve ser infinita, no intuito de evoluir, pois só assim é possível causar um impacto positivo, e bem assim, influenciador na vida dos alunos.

Antes de principiar o ano letivo, o EE refletiu sobre como iria lecionar as aulas, como iria ser capaz de cativar e dinamizar as mesmas, de modo a que os alunos se interessassem e dedicassem, tendo presente o desinteresse existente hoje em dia pela disciplina de EF.

Segundo Graça (2015), o que legitima a EF é o valor educativo que esta possui, é uma disciplina que tem o poder de incrementar a capacidade de compreender e agir no mundo, entendendo-se que esta disciplina ajuda a saber estar na sociedade e a melhorá-la, contribuindo para o bem-estar da mesma.

Batista e Queirós (2015, p. 40) referem: “Valorizar e reposicionar a aprendizagem em educação física poderá ser um ponto de charneira para as discussões acerca da sua importância no currículo escolar. O caminho da educação física deverá apontar sempre para o seu valor educativo e formativo, pois, da Escola, é isso que se espera!”.

Neste seguimento, urge que o professor tenha um forte e global conhecimento, não um conhecimento meramente teórico ou prático, uma vez que só através destes dois é possível ao Professor ter uma atuação eficaz. Consequentemente, foi através desta conceção de ensino, que tendo por base o global conhecimento, as vivências das diversas modalidades que foi possível a progressiva autonomia e crescimento pessoal e social do EE bem como dos alunos.

Neste seguimento, Graça (1999, p. 171) advoga que “ter uma base (ou bases) de conhecimentos para a formação profissional significa ter não só conhecimento mas também uma compreensão crítica de como este conhecimento deve ser adequadamente relacionado com a prática”.

Neste seguimento, somente com gosto e empenho no que se faz é que o EE conseguiu alcançar os objetivos a que se propôs.

## **7. Planeamento (Anual, Período, Unidades Didáticas, Plano de Aula/Reflexão)**

Nas palavras de Bento (2003) o planeamento é definido como o elemento que estabelece o vínculo entre as exigências e os programas das respetivas áreas disciplinares e, conseqüentemente, a sua implementação prática.

Para o processo de EA ser aplicado devidamente, é imprescindível que este seja planeado. Planeamento este que mais não é do que um conjunto de linhas orientadoras que têm como objetivo guiar, auxiliar, o professor ao longo do ano letivo. Recorrendo às palavras de Bento (2003) o planeamento caracteriza-se pelo que o professor pretende alcançar com a sua turma e as respetivas estratégias a adotar para o conseguir.

Pode, então, dizer-se que o planeamento é um antecipar da ação. Antecipação essa que, indo ao encontro de Mesquita (2000) tem como foco fixar objetivos, selecionar e estabelecer uma sequência lógica e estruturada da matéria.

Como referem Batista e Queirós (2013), a formação passa por processos de investigação que são diretamente ligados com as práticas educativas, que permitam ao professor apropriar os seus conhecimentos para depois mobilizá-los no exercício da sua profissão.

Deste modo, foi fundamental analisar os documentos relevantes da escola cooperante, nomeadamente o Projeto Educativo de Escola, o Plano Anual de Atividades, o Regulamento Interno e os Programas de Educação Física entre outros, para que fosse possível definir os conteúdos a serem tratados, os objetivos de ensino e as metodologias a serem empregues no EP, tendo sempre em conta o contexto da prática e a mutação que este pode sofrer. Como refere Bento (2003, p.43), “O processo de ensino em Educação Física é sempre um processo integral, complexo, unitário. Visa desencadear nos alunos uma continuidade e progressividade de efeitos psíquicos e biológicos no interesse do aumento gradativo do seu rendimento corporal e desportivo e do seu desenvolvimento como personalidades.”.

### **viii. Planeamento Anual**

O Planeamento anual (PA) e nas palavras, mais uma vez, de Bento (2003, pp. 65-66) funciona como um “plano global, integral e realista da intervenção educativa para um período lato de tempo; é a partir dele que se definem e estipulam pontos e momentos nucleares, e acentuações do conteúdo”.

No caso do EE, a turma que teve o gosto de lecionar, sendo 12º ano era dado aos alunos a possibilidade de escolherem as modalidades que gostariam de abordar ao longo do ano letivo.

Deste modo, na elaboração do PA o EE tentou ajustar as modalidades com o *roulement* disponibilizado. Pese embora no decorrer do ano letivo tenha sofrido algumas alterações.

Deste modo, no primeiro período foram lecionadas três modalidades, Andebol, Basquetebol, Badminton. O segundo período introduziu apenas uma modalidade nova, Voleibol, porquanto as já lecionadas no primeiro período se mantiveram. O terceiro período, por sua vez, contemplou as UD de Voleibol, Andebol e Ginástica Acrobática. A opção por estas UD teve por base as opções dos alunos, bem como o *roulement* disponibilizado, porquanto o mesmo interferiu na distribuição das UD ao longo do período.

Conforme referido supra, e pese embora tenha existido um prévio planeamento das UD a abordar, por diversas situações o EE viu-se obrigado a reajustar o PA. O que desde logo vai ao encontro das palavras de Bento (2003, p. 16) “o ensino real tem naturalmente mais facetas do que aquelas que podem ser contempladas no seu planeamento e preparação. No processo real do ensino existe o inesperado, sendo frequentemente necessário uma rápida reação situacional. Mas nem por isso muita coisa deixa de depender já da antecipação mental da realidade do ensino mediante o seu planeamento e preparação (...) Uma melhor qualidade de ensino pressupõe um nível mais elevado do seu planeamento e preparação”.

#### **ix. Unidade Didática**

No que respeita a este subtema, importa salientar a relevância do mesmo, indo novamente ao encontro das palavras de Bento (2003, p. 75) quando este nos diz que “as Unidades Didáticas constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e de aprendizagem”.

Aquando do início de cada período, o EE socorreu-se do Modelo da Estrutura do Conhecimento (Vickers, 1990) para construir as suas UD, tendo igualmente como base as orientações do Programa Nacional de Educação Física do Ensino Secundário em vigor, no que respeita o ano letivo que lecionou.

O MEC permite uma estruturação da matéria de uma certa modalidade, porquanto nele estão identificadas as estratégias e habilidades da modalidade em questão, tendo sido fundamental para um EA mais eficaz.

Para a elaboração da UD, o EE teve que ter em consideração os conhecimentos gerais e específicos de cada modalidade, pelo que o MEC se afigurou como uma ferramenta essencial. Este documento identifica os conteúdos de uma modalidade e estrutura-os de uma forma hierárquica, que dá informação constante acerca do processo de ensino, funcionando como uma orientação para a ação do professor, uma vez que é o elo de ligação entre a planificação e a prática pedagógica. O MEC está organizado em 8 módulos que constituem 3 fases: a fase de análise (módulo I, II e III), a fase de decisão (módulo IV, V, VI e VII) e a fase de aplicação

(módulo VIII). Na fase da Análise, o EE teve que ter em consideração a análise das especificidades da modalidade, o contexto e os alunos. A fase de Decisão implicou a definição de uma sequência lógica dos conteúdos a lecionar. Assim sendo, foi importante e indispensável decidir eficazmente, definir objetivos, ponderar a melhor forma de avaliação e criar progressões que se ajustem ao nível dos alunos. Por último, a fase de Aplicação respeitou a aplicação prática em contexto real de todos os outros módulos.

Não obstante o planeamento prévio do EE, importa ressaltar que o mesmo está sujeito a alterações, como se verificou. Refere, Bento (2003) que “o planeamento tem por base uma sequência de elaboração e realização do plano, controlo do plano e confirmação ou modificação do mesmo, que permite ao docente prever formas de avaliar o processo de maneira a ajustá-lo sempre que necessário.”

Neste seguimento, no correr da PS, o EE sentiu necessidade de reajustar/modificar o plano, tendo em conta as necessidades.

A UD, em concreto, o planeamento da mesma, teve como base a Avaliação Diagnóstica (AD), na medida em que a mesma determina o nível em que os alunos se encontram, permitindo assim ao EE traçar objetivos por forma a conseguir alcançar com os seus alunos.

A UD corresponde ao módulo IV do MEC. Este revelou-se para o EE, o capítulo mais importante na orientação das suas aulas e na construção do processo EA. Com a elaboração do MEC, a construção da UD fica mais facilitada pois este é um instrumento útil, eficaz e coerente. Importa referir que uma UD é passível de ser sujeita a alterações. A UD foi construída nas diferentes modalidades depois de realizar a Avaliação Diagnóstica (AD) pois o desempenho dos alunos dita o nível em que este estão e, a partir daí, é possível traçar objetivos coerentes e ter a perceção do nível que os alunos podem atingir.

Neste seguimento, o EE realizou no início de cada UD, a AD, no sentido de avaliar e conhecer o nível em que os alunos se encontravam, definindo posteriormente e tendo por base estes mesmos conhecimentos, o melhor plano para atingir os objetivos pretendidos.

O planeamento de uma UD, o traçar dos objetivos para que os alunos consigam alcançar, só faz sentido tendo por base o ponto de partida dos alunos, i.e, saber o que pelos alunos já foi aprendido, em que nível se encontravam, o que conheciam da modalidade, para que fosse elaborado um verdadeiro plano para o seu desenvolvimento.

Importa reiterar o já mencionado anteriormente, que a UD se caracteriza por ser alterável, porquanto existam alunos que não consigam acompanhar a evolução prevista, tendo

e devendo esta UD ser ajustada às fragilidades e necessidades dos alunos, conforme será abordado no ponto que se segue.

#### **x. Plano de Aula**

No que ao PA respeita, De acordo com Metzler (2000) os planos de aula servem como guia para a ação do professor e facultam informações específicas para a aula.

De acordo com Bento (2003) entende-se que todo o processo de planeamento se realiza do global para o específico.

Arends (1997) afirma que se compreende que seja exigido aos professores principiantes a apresentação de planos detalhados.

Este documento deve ser conciso, específico, de leitura e compreensão fácil e passível de ser aplicado num contexto de prática pedagógica.

Ademais do já mencionado, o PA deve ainda segundo Bento, (2003, p. 102) percorrer vários pontos na sua elaboração.

Este documento caracteriza-se quanto à sua organização por uma parte inicial que informava acerca do nome do professor, TR, número de alunos presentes, número da aula e respetiva UD, data e duração da aula. Seguidamente contempla ainda os conteúdos, os objetivos gerais, a função didática, o material e o espaço de aula.

Deste modo, na construção dos planos de aula o EE teve sempre em atenção a interligação dos três níveis de planeamento para que este fosse coerente, dando especial atenção à UD.

Contudo, o EE e pese embora tenha existido um PA, que enviava antecipadamente à OC, no intuito de que caso não concordasse o mesmo pudesse ser corrigido, com as orientações da mesma, nem sempre no contexto sala e aula o PA se verificava na integra. O EE viu-se confrontado com algumas adversidades, inclusive fatores externos, que implicaram uma alteração ao plano, nomeadamente a morosidade na transição dos exercícios; ou pelo facto de os alunos sentiam maior dificuldades em alguns exercícios pelo que o EE sentia necessidade de insistir nesses mesmos; a alteração do *roulement* que implicava por vezes a alteração da UD ou que a mesma não se realizasse devidamente; as condições climatéricas; tudo isto fez com que o EE se readaptasse, saindo da sua zona de conforto. Contudo, foi aqui que o EE mais sentiu a sua evolução na sua capacidade de se adaptar as circunstancias. os extratos de reflexão de aula seguintes são exemplificativos dos vários fatores de imprevisibilidade indicados:

*“(...)Para a aula de hoje eu tinha planeado dedica-la à aplicação do MED, no espaço exterior, no entanto não estavam reunidas as condições necessárias,*

*devido à existência de gelo, como tem sido habitual, que impossibilitou tal prática” (Reflexão aula 17 de Janeiro)*

*“(…)Relativamente à limitação do campo, pois só tive meio campo disponível, acabou por gerar algum conflito e alguma dificuldade, mas uma vez que é algo a que já estou habituado, consegui adaptar, tentando que esse fator não interferisse na realização dos exercícios de modo a que tudo decorresse dentro da normalidade.” (Reflexão aula nº55-56)*

O EE em algumas atividades, tentou diversificar nos conteúdos, por forma a tornar a prática letiva mais dinâmica, no sentido de dinamizar as aulas e cativar ainda mais os alunos. Contudo, nem sempre correu como planeou, pois, embora o EE tivesse a ideia nem sempre foi fácil colocar em prática o que havia idealizado.

Com o passar do tempo, reconhece o EE que foi ultrapassando as dificuldades sentidas na execução do plano de aula, sendo mais rápido na sua elaboração e conseguindo alterá-lo no momento da aula, de acordo com os contextos/necessidades e desenvolvimento da turma, tendo inclusive conseguido diminuir os tempos de transição nos exercícios, como demonstram os excertos que se seguem:

*“Inicialmente enquanto o aquecimento estava a ser feito por uma aluna federada, como habitual, e de forma a que quem estava de fora ficasse integrado na aula, coube a esse aluno a organização das equipas. O que acabou por se revelar, no decorrer da aula, que talvez não tenha sido uma boa ideia da minha parte, tendo em conta a aula que era, pois as equipas estavam desequilibradas, estando de um lado muitos rapazes juntos ou muitas raparigas juntas, o que originou um pouco de confusão que obrigou a uma alteração para conseguir equilibrar e de modo a que a avaliação fosse o mais equilibrada possível. Se por um lado quis dar essa autonomia aos alunos, de forma a participarem nas aulas quando não possam, por outro sei que nem sempre corre bem, como foi o caso de hoje. Para uma próxima irei dar mais indicações do que pretendo, o que é melhor para o jogo em si, para que corra melhor, havendo mais equilíbrio nas equipas(…)” (Reflexão de Aula nº93-94)*

*“Já só com meio campo, o que optei por fazer com os alunos, em dois jogos, não correspondeu às expectativas, e não estando a resultar, decidi fazer uma pequena competição entre equipas, tendo cada um deles que fazer um determinado percurso com a bola. Tal ideia surgiu, também, com o intuito de cativar os alunos, mantendo-os motivados.*

*Como referi, o plano foi um pouco alterado, no entanto, creio que a aula foi positiva, essencialmente por ter sido possível ter o campo inteiro, permitindo assim que os alunos tivessem uma melhor noção e perceção dos espaços que tinham de ocupar, bem como no que diz respeito ao atacar e defender.” (Reflexão de Aula nº63-64)*

## **8. Realização (Modelos de Ensino, Instrução, Gestão, Disciplina, Clima, Ajustamentos)**

Segundo Rosado e Mesquita (2011), os modelos de ensino são orientações educativas e teóricas da atuação pedagógica. Conquanto, referem os autores, não existir nenhum modelo que se afigure/revele adequado a todos os processos de aprendizagem (Rink, 2001).

No que respeita os modelos de ensino, na conceção de Metzler (2000) este refere que os modelos de ensino têm como objetivo dar uma estrutura universal e lógica ao processo de ensino-aprendizagem.

São oito os modelos de ensino existentes, entre eles: I) instrução direta; II) sistema personalizado para a instrução; III) aprendizagem cooperativa; IV) educação desportiva; V) ensino por pares; VI) ensino baseado no questionamento; VII) modelos baseados no jogo tático; VIII) ensino para a responsabilização pessoal e social (Metzler, 2000).

De forma a conseguir cativar e manter a atenção dos alunos no decorrer da PES, introduziu o EE ao longo do ano diferentes modelos de ensino, entre eles: instrução direta; aprendizagem cooperativa; educação desportiva; ensino por pares; ensino baseado no questionamento. A introdução dos modelos tornou-se necessária para alcançar um conhecimento mais profundo e rigoroso no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Mesquita e Graça, (2011):

“Entre modelos de instrução mais centrados na direção do professor e modelos que concedem mais espaço à descoberta e à iniciativa dos alunos há que encontrar o justo equilíbrio entre as necessidades de direção e apoio e as necessidades de exercitar a autonomia, de modo a criar as condições favoráveis para uma vinculação duradoura à prática desportiva” (p. 45-46).

Ao longo da PS, o EE regeu-se por estes parâmetros, tendo optado alguns pressupostos de vários modelos de ensino de acordo com as UD bem como com as necessidades/níveis dos alunos, uma vez que e nas palavras de Mesquita e Graça (2011, p. 39), “não há nenhum modelo que seja adequado a todos os envolvimento de aprendizagem, a eficácia de ensino deve ser

interpretada através do recurso a modelos de instrução que forneçam uma estrutura global e coerente para o ensino e treino do desporto”, tendo, assim, conjugado algumas vertentes do Modelo de Instrução Direta (MID), do Modelo de Aprendizagem Cooperativa (MAC) e do Modelo de Educação Desportiva (MED). Aprendizagem por pares em função do contexto, modalidade e comportamento dos alunos.

Pese embora inicialmente tenha o EE optado pelo MID, na medida em que este modelo, prende-se com o papel centralizado no professor, pois é a este que cabe a tomada de quase todas as decisões referentes ao processo de ensino-aprendizagem Mesquita e Graça, (2011) ou seja, “o professor realiza o controlo administrativo, determinando explicitamente as regras e as rotinas de gestão e ação dos alunos, de forma a obter a máxima eficácia nas atividades desenvolvidas pelos alunos (Graça, 2011, p. 48).

Este modelo afigurou-se adequado nas UD em que o EE conseguiu descrever na íntegra aquilo que era pretendido dos alunos, revelando-se eficaz no ensino das habilidades técnicas.

Optou, igualmente, o EE pelo modelo de ensino MAC, porquanto “Os alunos quando em situações de aprendizagem cooperativa são encorajados a trabalhar em equipa numa tarefa comum onde devem coordenar os seus esforços para atingirem o objetivo da mesma” (Arends, 2008).

Ainda segundo Arends (2008) este modelo de ensino proporciona aulas caracterizadas por envolverem trabalho de equipa entre os alunos de forma a atingirem os objetivos de aprendizagem, estas equipas devem ser constituídas por alunos de diferentes níveis de rendimento e género, sendo que todas as equipas devem estar equilibradas entre si, visto que os objetivos educacionais da aprendizagem cooperativa baseiam-se na aceitação da diversidade, realização escolar e desenvolvimento de competências sociais.

Com o passar das aulas, o EE sentiu necessidade de implementar outro modelo de ensino, mais concretamente, o MED. O qual sentiu o EE que se enquadrou, e bem, nas diversas modalidades em que aplicou. Uma vez que na sua maioria as UD tinham algum número de aulas, permitiu este modelo, pois se fossem UD muito curtas, não conseguiria aplica-lo na íntegra.

Ora, o MED valoriza a competição colocando esta no centro da experiência desportiva, devendo ser criteriosa a formação das equipas, permitindo distinguir os conceitos de treinar e competir, realçando assim a componente da festividade e de competência desportiva institucionalizada (Graça & Mesquita, 2015).

O objetivo do MED prende-se com o aproximar o desporto escolar com o desporto institucionalizado, este “define-se como uma forma lúdica e critica as abordagens descontextualizadas, procurando estabelecer um ambiente propiciador de uma experiência desportiva autêntica, conseguida pela criação de um contexto desportivo significativo para os alunos...”, (Graça & Mesquita, 2011, p. 59)

“O modelo de educação desportiva acredita nas vantagens da aprendizagem cooperativa em pequenos grupos heterogéneos e duradouros” (Graça & Mesquita, 2015, p. 15)

O MED é desenhado para trazer os benefícios do desporto a todos os alunos Siedentop, (1996).

Tal como Graça e Mesquita (2009) sugerem que a abordagem deste modelo deverá obedecer a uma organização por equipas, onde o fator coletivo se sobrepõe ao individual, colaborando todos os elementos para o resultado da equipa.

Outro aspeto que também caracteriza o modelo é a procura de garantia de autenticidade das experiências desportivas, que Siedentop (1994) sintetiza em seis características do desporto institucionalizado: a época desportiva, a filiação, a competição formal, o registo estatístico, a festividade e os eventos culminantes

Este conjunto de características estruturais do MED confere ao contexto de aula um ideal de prática próximo daquilo que é do contexto desportivo real.

No excerto que se segue, é feita referência ao aqui mencionado:

*“Graça e Mesquita (2007), defendem que o MED se distingue de outros métodos mais usuais pela sua preocupação extrema em diminuir os factores de exclusão, lutando por harmonizar a competição com a inclusão, por equilibrar a oportunidade de participação e por evitar que a participação se reduza ao desempenho de papéis menores por parte dos alunos menos dotados... são criados os pressupostos para que o aluno se sinta confiante, o que, conseqüentemente, se reflete no gosto pela prática.” (Justificação de aula nº75-76)*

e ainda,

*“A aplicação do MED, prende-se com o facto de os alunos em que em situação de torneio, e competitividade, acabarem por “vivenciar” um pouco de todas as posições, conforme sucedera nas demais modalidades em que a tenho aplicado.” (Justificação de Aula nº 35-36).*

## **xi. Instrução**

Como refere Metzler (2000) para permitir uma resposta melhor para cada contexto, a comunicação deve ser clara, breve e precisa tendo sempre presente o vocabulário apropriado por forma a ser entendida pelos alunos.

De acordo com Rosado e Mesquita, (2011) a capacidade de comunicar constitui um dos fatores determinantes da eficácia pedagógica no contexto do ensino das atividades físicas e desportivas.

É indubitável que não só o que transmitimos, mas a forma como transmitimos aos alunos, é extremamente importante para a compreensão do que se pretende enquanto objetivo da situação de aprendizagem, porquanto de nada serve ter conhecimento se não se consegue o transmitir.

A instrução pode ser composta por comportamentos verbais ou não verbais, como por exemplo, exposição, explicação, demonstração, feedback, entre outros, todos eles intimamente ligados aos objetivos de aprendizagem.

A comunicação é um aspeto fundamental na ação do professor, principalmente quando este tem de passar informação de forma clara para todos os alunos. Relata o EE, o seguinte:

*“Pese embora reconheça que existiram algumas limitações nomeadamente a nível do jogo, concretamente na parte dos feedback(s), na medida em que devia estar mais presente e participativo, uma vez que tal se afigura importante e fundamental. Retiro assim, como menos positivo esta situação, mas ao mesmo tempo serve como exemplo para que tenha atenção a esses pormenores, tanto nos feedback(s) como na instrução dos alunos, com a certeza porém, que se fosse amanhã o mesmo não sucederia.”* (Reflexão de Aula nº117-118).

## **xii. Demonstração**

A demonstração caracteriza-se por ser fundamental no processo de aquisição de habilidades motoras, porquanto permite aos alunos que assimilem as informações referentes ao “como fazer?” sobre a tarefa a ser realizada (Tani et. al, 2011).

A demonstração era normalmente realizada aquando da introdução de novas tarefas para que os alunos percecionassem a organização e objetivo do exercício.

Apesar de acompanhar a demonstração com alguma instrução, tentava sempre rever os pontos mais importantes no fim da ação, isto porque “ alguma informação verbal deve preceder a demonstração, de modo a orientar a atenção para aspetos críticos” (Rosado e Mesquita, 2011, p. 98)

Exemplo disso é o excerto que se segue:

*“(...)Tendo tido um papel ativo, interventivo, junto dos alunos, tentando sempre agir/auxiliar de forma imediata quando sentisse que não estavam a fazer algum exercício corretamente, corrigindo-o prontamente. “(Reflexão de Aula nº 77-78).*

### **xiii. Feedback**

O feedback pedagógico é definido como o “conjunto de intervenções verbais e/ou não verbais emitidas pelo professor reagindo à prestação motora dos alunos com o objetivo de avaliar, descrever e/ou corrigir a prestação assim como de os interrogar sobre o que fizeram e como o fizeram”.

Desta forma o feedback é uma ferramenta fundamental, ao serviço do docente, e foi alvo de grande reflexão ao longo de toda a PS.

A emissão de feedback(s) foi algo que o EE tentou trabalhar e melhorar ao longo do ano, porquanto sentia que nem sempre conseguia emitir feedback, o que em algumas ocasiões se refletiu na qualidade da aula, conforme ilustra o excerto seguinte:

*“Sucedem porém, que o jogo em si não teve grande qualidade coletiva, e aqui creio que muito se deveu à falta de feedback(s) da minha parte, pois como refere (Graça e Mesquita, 2011) os mesmos são importantes para o processo de aprendizagem dos alunos, obtendo assim feedback sobre o seu desempenho, mesmo em contexto de Avaliação de jogo. Igualmente, Dweck (2006) teoriza que a natureza do feedback influencia o posicionamento motivacional dos alunos perante a situação de aprendizagem. E nesta senda, reconheço que devia e podia ter sido mais interventivo, como tentei sê-lo na parte final da aula, intervindo mais, quer coletiva quer individualmente.” (Reflexão de Aula nº117-118)*

O feedback pedagógico deve ser uma constante na formação académica/profissional, o qual permite desenvolver as competências motoras, desenvolver a autonomia, a responsabilidade, promover a participação ativa e o entusiasmo pela prática desportiva.

*“Em relação à última aula senti que os meus feedbacks foram curtos, e por isso nesta aula tentei dar mais feedbacks aos treinadores de forma a que eles transmitissem esse feedback de volta aos seus jogadores. Foquei-me essencialmente nessa tarefa, mas também em intervir no jogo, parar o jogo, questionar os alunos de determinados gestos técnicos e o porquê de determinada forma de jogar.” (Reflexão de Aula nº81-82)*

#### **xiv. Questionamento**

*“A colocação de questões aos alunos pode servir diversos objetivos educativos, concretizando-se, ainda que com pesos e formas diferenciados, no âmbito de diversos modelos e métodos de ensino. A sua importância pedagógica deve ser objeto de reflexão por parte dos professores e dos treinadores (...)”* (Rosado & Mesquita, 2011, pp. 100-101)

No início e no final das aulas, por diversas vezes, o EE procurou colocar questões aos alunos, inclusive no correr das mesmas questionando, por exemplo, o que apreenderam da aula anterior quando introduzida uma UD nova; questões relacionadas com a posição deles em situação de jogo, se estariam bem colocados para rematar por exemplo; após a introdução de um conteúdo novo, qual o conhecimento que a turma tinha sobre o mesmo; questionando igualmente o EE os alunos por exemplo quando um colega cometia um erro, se estaria o colega a executar bem ou como deveria proceder. Colocou no fundo o EE, questões acerca das ações dos alunos, bem como questões de matéria lecionada.

*(...) Neste seguimento, acabei a aula 5min mais cedo para que pudesse falar com eles sobre esta situação, de modo a que percebessem onde estavam a errar para que consigam melhor e numa próxima já não cometerem os mesmos erros. “  
(Reflexão aula dia 5 de Fevereiro)*

Recorda ainda o EE de uma aula em que em consequência das condições climatéricas que não permitiram o normal percurso da aula, e não tendo de acordo com o roulement disponível qualquer espaço, aproveitou para ter uma aula um pouco teórica com os alunos, permitindo-lhe assim saber quais os conhecimentos da turma em relação à respetiva UD.

#### **xv. Disciplina**

Segundo Rink (1993) disciplina é aquilo que o professor faz quando, apesar do esforço para o evitar, os alunos não cooperam e escolhem comportar-se inapropriadamente.

A criação de um bom clima de aula passa pela reunião de um conjunto de condições promotoras de sentimentos de bem-estar, por parte de todos os intervenientes. Em relação à dimensão clima/disciplina, o EE refere que a sua turma, quer a TR quer a TP, no geral adotou uma postura exemplar, empenhada, pese embora por vezes brincassem um pouco, nunca deixaram de cumprir aquilo que lhes estava incumbido.

Nesta sequência, o EE salienta que esta realidade facilitou o seu percurso, a sua atuação enquanto futuro docente.

Recorda apenas o EE uma situação esporádica, onde o EE sentiu um clima mais tenso dentro da turma, porém, prontamente foi resolvido.

*“(…) o que mais destaque desta aula, a nível pessoal, foi o facto de, pela primeira vez, ter sentido falta de interesse por parte de alguns alunos, tendo sentido algumas divisões na turma, inclusive de alguns alunos que tinham vontade de fazer mais e melhor mas que não lhes foi possível, pois a equipa em que estavam inseridos não estava a cooperar/colaborar. O que, conseqüentemente, fez transparecer algum mau estar entre eles, que me leva a crer que este clima de mau estar, esta falta de cooperação, pode ser referente a motivos exteriores à aula de educação física, podendo existir algum conflito entre eles “fora das aulas” que faz com que se crie algum distanciamento entre eles, não querendo trabalhar uns com os outros. O que me obriga a estar atento às próximas aulas, para tentar perceber melhor o que se passa e qual a melhor opção a tomar de modo a que as aulas decorram da melhor forma, para que esses “problemas” entre eles não interfira nestas.” (Reflexão Aula nº55-56).*

## **9. Organização e gestão da aula: criação de rotinas e controlo da turma**

*Arends (2008, p. 125) afirma: “demasiadas vezes, os professores principiantes dão por si a ensinar os tópicos no mínimo de tempo possível para cobrir o conteúdo previsto. Infelizmente, o que lhes parece ser uma utilização eficaz do tempo produz muitas vezes uma diminuta, se é que alguma, aprendizagem por parte dos alunos”.*

*Ainda nas palavras do mesmo autor, “a reputação de um novo professor (...) será fortemente influenciada pela sua capacidade de desempenhar as funções de gestão do ensino, especialmente de criar um ambiente de aprendizagem tranquilo e de lidar com o comportamento dos alunos” (Arends, 2008, p. 172)*

Para um EA eficiente é fundamental que existam uma preparação da organização e gestão da aula.

Nomeadamente nas rotinas de gestão de aula, os professores implementam regras de organização, regras e estratégias no intuito de um maior envolvimento por parte dos alunos nas tarefas.

Segundo alguns autores, foi possível constatar que as rotinas de controlo e gestão de aula estão relacionadas com o nível de ensino lecionado e a faixa etária dos alunos. Rotinas estas que apontam no computo geral para a valorização da liberdade e autonomia dos alunos.

No fundo, o professor atua como um gestor neste processo prático, gere os conflitos da aula, os imprevistos e o desenrolar de todo o processo de ensino e aprendizagem.

Para Siedentop (1998) existem quatro funções principais que ocupam a atenção dos professores de EF: organizar os alunos, dirigi-los, instruí-los e controlá-los. Estas funções são fundamentais para que haja um bom aproveitamento da aula, permitindo maior tempo de prática.

No seu percurso, o EE não sentiu necessidade de efetuar grandes chamadas de atenção, uma vez que a turma se empenhava e mostrava interesse quando lhes era exigido. É certo que em algumas aulas, foi gasto mais tempo face a outras, porém o EE crê que foi tempo ganho, pois corrigindo erros, evitou que nas aulas seguintes tais situações se verificassem.

“A gestão da sala de aula é um dos desafios mais importantes que os professores principiantes enfrentam.” (Arends, 2008, p. 173)

Quanto à gestão do material a ser utilizado na aula, o EE teve sempre em atenção o material que iria ser necessário na aula. Esta estratégia possibilitou ao EE evitar dispêndio de tempo desnecessário e o uso indevido de material. No final da aula eram os alunos que ficavam encarregues de arrumar devidamente o material.

Para garantir uma aula eficaz e produtiva Januário (1996, p. 107) refere que “ (...) a eficácia do ensino depende muito da capacidade do docente em transformar o tempo de aula em potenciador da aprendizagem, associando-se ainda outro fator: o estabelecimento pelo professor de rotinas de gestão, de regras e de expectativas de papéis para a atividade, desde os primeiros dias do ano escolar”.

## **10. Avaliação (Tipos, modalidades, formatos e autoavaliação)**

A avaliação é o processo de fazer juízos ou decidir sobre o valor de uma determinada abordagem ou desempenho de um aluno (Arends, 2008).

A avaliação assume-se como uma das tarefas centrais do professor. A mesma não se esgota num só momento, devendo antes estender-se ao longo de todo o processo de EA.

Bento (2003) diz-nos que esta ação em conjunto com a planificação e realização do ensino são tarefas centrais da atuação de cada professor, se este deseja assumir corretamente as suas funções nenhuma destas três atividades é prescindível.

Por muitos que sejam os critérios e a qualidade da organização das cotações, há certos aspetos que temos sempre de ter em consideração e que não constam nestes regulamentos.

O EE desde sempre que teve em consideração o constante empenho dos alunos, tendo presente que apesar de alguns se esforçarem em todas as aulas e revelarem uma evolução

bastante significativa, não apresentam como os demais alunos aptidão para certas modalidades, uma vez que alguns alunos eram inclusive federados em diversas modalidades, ou possuíam por si mesmo, maiores habilidades. Tendo esta ideologia como base, o EE optou por avaliar cada aluno de uma forma única. Ainda assim, o EE na avaliação das diversas UD não pôde deixar de comparar, em certa parte, os alunos, i.e, o EE teve que distinguir alunos que com as mesmas oportunidades, não executavam tão bem, por exemplo, não tendo a mesma aptidão.

Reconhece ainda o EE, que sentiu nalguns momentos, alunos que não nutriam um grande interesse pela ADF, não sentido necessidade de evoluírem, aprimorar a tática/técnica face aos demais alunos.

“A avaliação deverá seguir, assim, determinados propósitos: fornecer aos alunos informação sobre o seu progresso e estado atual” (Rink, 1993)

O EE não encarou a AS como uma aula determinante para atribuir uma classificação aos alunos, mas apenas como uma aula de esclarecimento de dúvidas quanto às classificações, na sua maioria.

O EE possuía uma grelha geral para todos, sendo diferente mediante a UD, atribuindo a classificação de 0 a 20 valores no que respeita o comportamento adotado pelo aluno no correr do jogo, ou seja, o aluno podia não executar na perfeição o gesto técnico, mas atingia o objetivo final. O que, se revelou suficiente para o aluno obter a positiva. Sendo certo que, para obter uma melhor classificação o aluno teve de conseguir alcançar o objetivo com boa execução técnico-tática.

Relativamente ao ponto “boa nota”, o EE sentiu dificuldade em não comparar os alunos. Foi inevitável, porquanto uns alunos se destacaram face aos demais.

Esta comparação não se prendeu exclusivamente com a AS, no que fizeram naquela aula, mas sim comparar com o que foram realizando ao longo das aulas, e a evolução que tiveram, sendo que o empenho, conforme já mencionado, influenciou a avaliação.

Durante a PS, o EE na maioria das UD sentiu-se confortável no papel de avaliar, pese embora reconheça que foi algo novo, uma vez que nunca tinha estado desse lado. Este lado desconhecido, a novidade, simbolizou também para o EE sentimentos controversos. Se por um lado sentia segurança, confiança aquando da avaliação, por outro sentia receio de não estar à altura; receio de não ser devidamente justo.

A avaliação subdividiu-se em 4 momentos: a Avaliação Diagnóstica (AD), a Avaliação Formativa (AF) e a Avaliação Sumativa (AS) e AutoAvaliação.

A AD ocorre no início de cada unidade didática, por forma a analisar os conhecimentos e aptidões que o aluno possui, o ponto de partida de cada um deles. Essa informação permite-nos formular objetivos reais baseados no nível dos alunos (Rink, 1993).

Relativamente a avaliação formativa “o professor procede a uma observação cuidada e sistemática das tarefas que o aluno leva a cabo ao longo do ano, recorrendo a instrumentos que permitem a compreensão do estado da situação do processo de formação do aluno.”( Gonçalves et al, 2010, p. 50)

Atendendo a AS, esta recorre a “instrumentos e procedimentos de avaliação final, realizado segundo uma estrutura de síntese” ( Gonçalves et al, 2010, pp. 50-51).

Ao longo da UD o EE foi acompanhando cada problema dos alunos, de forma a poder enquadrar os planos de aula em função com as suas necessidades, tendo o EE avaliado cada aluno nas diversas aulas, sendo a AS um momento apenas de “confirmação” do que até aí desempenharam. No fundo eles foram sendo avaliados em todas as aulas quer a nível motor, quer a nível cognitivo e psicossocial. O EE crê que não pode ser dado uma maior relevância a um só momento de avaliação, mas sim às várias aulas. Se como treinadores importa dar a mesma importância a todas as sessões de treino, nas aulas não deve ser exceção.

A avaliação sumativa determina o sucesso final e até que ponto os alunos atingiram os objetivos delineados Siedentop e Tannehill, (2000) A AS é a modalidade de avaliação que melhor possibilita uma decisão relativamente à progressão ou à retenção do aluno pois compara resultados globais, permitindo verificar a progressão de um aluno face a um conjunto lato de objetivos previamente definidos (Rink, 1993).

Exemplo é o excerto que se segue:

*“Ademais, as praticas de avaliação não suspendem o processo de aprendizagem, são também uma oportunidade para os alunos aprenderem e exercitarem a performance desejada, bem como obterem um feedback sobre o seu desempenho (Graça e Mesquita, 2011, pág. 155).”* (Justificação de Aula nº117-118)

Por fim, relativamente à autoavaliação “Os professores devem partilhar o poder e a responsabilidade de avaliar com os alunos” (Gonçalves et al, (2010) e, por isso, “a ação exercida pelo professor, deve suceder a ação de autoavaliação por parte do aluno” (p. 55).

Salienta o EE, que a única UD onde não se sentiu confortável, ou pelo menos, não tanto, foi na UD de Ginástica Acrobática.

*“No que respeita esta unidade didática, talvez pelo facto de não ser uma modalidade onde me sentia totalmente confortável, reconhecendo ser uma das que talvez não tenha tantas bases (...)No que respeita as classificações, avaliação*

*em si, e indo ao encontro do referido inicialmente, foi fundamental a cooperação com a Orientadora Cooperante, uma vez que está por dentro da UD, sabendo o que é exigido na avaliação, pois afigura-se como uma modalidade complexa, sendo avaliado diversos aspectos desde individuais a coletivos.” (Reflexão-Balanço MEC Ginástica Acrobática)*

#### **xvi. Reflexão**

A reflexão permite-nos “rever a aula, evitar ou corrigir os erros, propor estratégias, e justificar a diferença entre planeamento e realização” (Azevedo, Portela, Graça, Avila-Carvalho,, 2014, p. 65). Foi através da reflexão que o EE conseguiu refletir sobre os aspetos bem conseguidos, os mais negativos, onde havia de melhorar. A reflexão é um dos aspetos que mais “contribui para um desempenho pedagógico competente e para o crescimento profissional do professor” (Cunha et al., p. 174).

Pese embora, numa parte inicial o EE se tenha cingido apenas aos momentos menos bons, no intuito de aprendizagem e reconhecimento para a próxima aula, com o passar do tempo refletiu também sobre os aspetos positivos (Cunha et. al, 2014).

Os professores devem interpretar e não só descrever o que se passou na aula, encontrando as razões para a sua forma de atuar e compreender, desta forma, como poderão alterar (Alarcão, 1996).

Nas primeiras RA a OC alertou o EE para as suas RA se centrarem meramente na descrição das aulas, do que havia sucedido nas mesmas. Porém, tomando o EE em conta os sábios conselhos da OC, as suas reflexões passaram a ser mais interpretativas, abordando a intervenção do EE na aula, a evolução dos alunos, o que apreendera dessas aulas. Sem duvida que as reflexões foram um crucial aliado, no sentido de melhorar não voltar a cometer certos erros.

#### **xvii. Observação**

Segundo Martins (2001, p. 19) “em todos os sistemas de Formação de Professores, mesmo nos mais tradicionais, a observação tem sido uma estratégia privilegiada na medida em que se lhe atribui um papel fundamental no processo de modificação do comportamento e de atitude do professor em formação”.

Nas palavras de Cunha et. al., (2014) é a observar professores mais experientes que aprendemos novas estratégias e modos de atuar.

Neste seguimento o EE considera que para o seu desempenho como professor, foi indubitavelmente uma mais-valia a observação das aulas dos colegas da NPS, permitindo-lhe

um maior crescimento, porque após observar e refletir sobre a sua atuação, o EE foi capaz de reformular determinados aspetos que considera serem essenciais para a prática docente.

## **11. Participação na escola e Relação com a comunidade**

### **xviii. Atividades realizadas**

As relações sociais dos professores estagiários dentro de uma comunidade mudam, tendo em conta o seu envolvimento nas atividades. Neste processo, os professores estagiários desenvolvem a sua compreensão e habilidades, (Lave & Wenger, 1991).

Os mesmos autores afirmam que a participação é uma forma de aprendizagem junto dos professores mais experientes colaboram entre si e o que eles apreciam, respeitam e admiram. O grupo de Educação Física, neste caso, a comunidade de prática é um espaço onde os professores partilham os seus saberes.

Esta vivência da escola e de tudo o que lhe é inerente foi extremamente benéfica porquanto, e nas palavras do autor, “é no contacto com os espaços reais que o futuro professor conhece os contornos da profissão, tornando-se, pouco a pouco, um membro dessa comunidade educativa”, (Queirós, 2014).

Durante a PES, foram várias as atividades nas quais o EE se viu inserido com os demais colegas do NE, no sentido de estreitar relações e essencialmente aproximar-se dos seus alunos e demais membros da comunidade escolar.

Ora, neste seguimento, o EE participou ativamente, e passando a redundância, nas diversas atividades realizadas ao longo do ano letivo.

#### **A. Desporto Escolar**

No que respeita o DE este primou por inculcar nos alunos o gosto pelo desporto, além da prática letiva, promovendo assim um maior sucesso na vida dos mesmos. Conforme o estipulado no artigo<sup>o</sup>79 da Constituição da República Portuguesa: “todos têm direito à cultura física e ao desporto”.

Assim, o DE permitiu contribuir para o desenvolvimento dos alunos onde os valores subjacentes foram: espírito de equipa; integração; ajuda; respeito e dedicação.

Nas palavras de Batista e Queirós (2013) conforme supramencionado, o objetivo da participação do EE na comunidade escolar, prendeu-se e prende-se com a integração na comunidade em que se insere. E toda a sua envolvimento, “(...)possibilitando oportunidades educativas dotadas de significado para os alunos” (Batista & Queirós, 2013, p. 38)

No que ao DE respeita, a modalidade abordada fora a Natação. Assim, foram 5 eventos de Prova de Natação realizados ao longo da PES.

Em todos eles o EE assume ter tido um papel ativo e interventivo, tendo todos eles se revelado extremamente gratificantes e com a sensação de dever cumprido.

Nas palavras do EE, numa das Reflexões do Desporto Escolar:

*“Destaco, sem duvida, o papel enriquecedor desta experiência (...) sendo importante a nível profissional e pessoal, tendo este contacto mais próximo.”*

(...)

*Neste sentido, é sem duvida gratificante vermos que todo o empenho, envolvência e esforço, resulta em algo bom quer para nós, mas acima de tudo para os alunos, uma vez que todo este esforço se deve a eles, e para eles. Ainda para mais, sendo responsáveis pelo Desporto Escolar, é gratificante ver os alunos atingir bons resultados e a divertirem-se.”*

Nas palavras do mesmo:

*“Relativamente à função que desempenhei, fiquei responsável pela parte das partidas, como já havia acontecido no 1º e 2º evento, o que para mim foi bastante agradável, pois é um cargo que além de gostar, sinto que me enquadro no mesmo, desempenhando-o bem. “*

Relativamente ao dia dedicado ao DE, no qual o EE também participou, o mesmo salienta que:

*“Tais atividades são boas, não só para os alunos terem convívios extraescolares com os colegas, mas também para que consiga conhecer um pouco deles num contexto diferente das aulas. (...) Pois é sempre agradável saber que contribuimos para que de alguma forma eles ao mesmo tempo que aprendem, se divertem também. Aprendendo eu também com eles. “*

### **B. Prova de corta-mato**

Relativamente a esta atividade, partiu da Escola de Lamações, tendo os Estagiários da Escola Secundária D. Maria II, Orientadora Cooperante e Coordenadora do Desporto, auxiliado nesta prova. o EE ficou responsável pela coordenação e controlo de uma das partes do trajeto.

### **C. Evento: missão (im)possível: inclusão**

No que respeita este evento, realizado pelo NE teve como propósito a inclusão dos alunos com NEE, estimulando assim, o fator sociológico com os demais alunos da Escola.

Este evento assumiu uma importância enorme, na medida em que, ademais da Escola na qual o EE se insere ter bastantes alunos com NEE, o seminário elaborado pelo NE focou-se nesta mesma inclusão dos alunos com NEE.

Nas palavras do EE *“Os alunos, nomeadamente os com NEE, mostraram que têm capacidades de fazer o mesmo que os outros, em variados exercícios, tendo sido a resposta positiva, apesar das limitações que apresentam.”*

*“Proporcionando, igualmente, a libertação de preconceitos, ajudando mesmo a ultrapassar obstáculos que nos são colocados, tanto aos alunos como aos Professores, uma vez que nos permite crescer e desenvolver, a nível pessoal e profissional, para que sejamos cada vez mais capazes de dar respostas às necessidades dos alunos, como supra referido.”*

#### **D. Seminário**

No dia 5 de Junho de 2019, teve lugar a realização do Seminário do NPS da ESDMII, cujo tema fora: Quais as estratégias implementadas por Professores de Educação Física para incluir estudantes com Necessidades Educativas Especiais nas suas aulas?

Este tema, na ótica do EE é sem duvida um tema que pese embora não esteja muito em voga, tem uma importância extrema, na medida em que a realidade encontrada na escola na qual a PS se inseriu é cada vez maior, pelo que se afigurou necessário e importante conhecer e saber um pouco mais desta problemática, tendo como base testemunhos próprios de docentes.

Pese embora tenha existido um nervosismo, que é próprio do EE, tudo fora fluindo normalmente, isto porque o EE mostrou estar confortável relativamente ao tema, porquanto foi perceptível que o EE entendia bem a matéria e toda a problemática envolvida.

Contudo, reconhece o EE que o sistema nervoso em certa parte condicionou o seu desempenho inicial, devendo ter uma maior projeção de voz para o auditório presente ter uma maior e melhor perceção.

Não obstante o misto de sensações vivenciados pelo EE aquando a apresentação do seminário, devendo o EE conseguir controlar um pouco mais as emoções, mantendo a calma, por forma a ser mais perceptível, crê o EE que o seminário conseguiu cativar o auditório, pela importância que o tema acarreta, pela vertente extremamente enriquecedora que todo o NE conseguiu transmitir.

No entender do EE, e também da SV a grande afluência fora positiva e também fruto da importância do projeto de intervenção dos EE.

#### **12. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação**

Reconhece o EE que não existe para um professor maior reconhecimento que o empenho e a dedicação com que os alunos executam as mais diversas tarefas que lhe são propostas, o que

torna o processo de ensino e aprendizagem mais entusiasmante, e com o sentido de que apesar o desgaste físico e emocional, tudo vale a pena.

Inicialmente e com algum receio nem sempre as aulas correram como expectava, contudo, foram essas mesmas aulas que permitiram ao EE corrigir os erros, melhorando-os, tendo inclusive aquando do final de algumas aulas o EE sentindo-se realizado, porquanto os alunos saíam das aulas satisfeitos.

O EE assume como fundamental para o seu constante desenvolvimento todas as vivências ao longo da PS, vivências reais de uma profissão que apenas hoje se inicia. Sabendo de antemão que nem sempre será fácil.

Graças ao diálogo com a OC e demais docentes, que muito, conhecem desta realidade e que desde já o EE enaltece com gratidão todas as experiências partilhadas, conselhos, permitiram ao EE conceber de uma forma mais próxima e real a profissão. Foi através desta proximidade, que o EE se permitiu também a aperfeiçoar-se, corrigir-se.

Enaltece ainda o EE, a possibilidade que lhe fora dada na participação das atividades ao longo do ano letivo, enaltecendo a oportunidade por ter feito da comunidade escolar, a envolvimento em toda a preparação das diversas atividades, na medida em que o EE conseguiu perceber o que está subjacente a toda e qualquer atividade, sendo uma mais valia como futuro docente na realização de eventos. A atuação do EE foi muito para além da sala de aula, desde as reuniões de conselho de turma e avaliação, à participação em atividades com o grupo de EF não esquecendo, assim, toda a preparação dos recursos materiais de forma antecipar o bom funcionamento da aula, o que o EE reconhece que apesar da pressão sentida em alguns eventos, por forma a que tudo corresse de feição, em união de esforços quer do NPS e demais Professores de EF, tudo foi possível.

Destaca o EE, pese embora todas as atividades nas quais esteve envolvido tenham sido extremamente gratificantes, o Evento da Inclusão, face ao já exposto anteriormente.

Nas palavras de Albuquerque, et al, (2002) “os orientadores de aparecem cada vez mais como os atores principais dos dispositivos de formação inicial de professores. As suas funções são múltiplas, indo do acolhimento e inserção dos EEs no seu meio profissional, à transmissão de competências profissionais, à partilha de experiências e ao apoio das primeiras experiências com as turmas.”

### **13. Socialização profissional e institucional**

No que a este ponto respeita, e na senda de Amaral da Cunha (2014) e Lave e Wenger (1991) é no espaço real de ensino, na sua prática, que o EE é capaz de conhecer verdadeiramente a profissão que abraça, tornando-se assim, aos poucos parte integrante da comunidade na qual se insere.

É inegável que todos os contactos que o EE teve a oportunidade de estabelecer, desde as relações com o NPS e toda a comunidade escolar, se afiguraram essenciais na construção da identidade do EE. Identidade esta que já vinha a ser construída, pese embora somente agora com um verdadeiro conhecimento real e prático.

Reconhece o EE que todas as experiencias, tenham sido elas boas ou menos boas foram importantes para o EE trilhar o seu percurso e bem assim, defini-lo.

Em abono da verdade, o EE na sua adaptação reconhece que com o passar do tempo foi ao encontro das suas expectativas, pese embora, inicialmente e talvez pelo mundo novo que se avizinhava, pela insegurança sentida, tenha sido complicado. Não obstante desde inicio todo o NE tenha colocado o EE confortável, sentindo-se prontamente acolhido e inserido na comunidade.

Todo o percurso do EE se pautou por algumas adversidades, algumas alheias ao mesmo, outras por ele mesmo colocadas, mas que o EE conseguiu contornar, tendo-se assim superado, sendo de reconhecer ao EE a forte capacidade de adaptação as situações que foram surgindo ao longo de todo o processo da PES, de transição, as adaptações foram constantes, bem como as modificações, quer pessoal quer profissionalmente.

No que concerne à ESDMII, e toda a envolvência, o EE vivenciou um ambiente agradável, estando incluindo numa Escola de referência, inclusive pela forte inclusão dos alunos com NEE no ensino regular, o que é de louvar todos os esforços. A relação do NPS, e aqui falando o EE na sua pessoa, com os alunos pautava-se por uma relação cordial, mas próxima, sentindo-se os alunos confortáveis para falar com os docentes sempre que necessário; onde foi possível um dialogo frequente; o que possibilitou uma relação próxima professor-alunos, onde todos sem exceção se sentiram acolhidos, integrados, conseguindo ver o docente não somente como um professor, mas alguém com quem podem contar, quando sintam necessidade.

Ora, conseqüentemente, a relação estabelecida com todos os docentes, além do grupo de EF, revelaram-se fundamentais para o EE na construção da sua própria identidade profissional e na resolução de problemáticas que pontualmente iam surgindo. Wiltz (2000) assegura que as experiências influenciam a construção e reconstrução da identidade profissional.

## **14. Desenvolvimento profissional**

### **xix. Formação contínua: Um imperativo da profissão**

*Nas palavras de Confúcio “Escolhe um trabalho de que gostes e não terás que trabalhar um dia da tua vida”*

Este ponto, diz respeito às “atividades e vivências importantes na construção da competência profissional, numa perspetiva do seu desenvolvimento ao longo da vida profissional, promovendo o sentido de pertença e identidade profissionais, a colaboração e a abertura à inovação” Matos, (2014, p. 7).

A aprendizagem prende-se essencialmente com uma mudança de comportamento.

Neste ponto, o EE reconhece que a dificuldade não reside na comparação entre a prestação do aluno e a idealizada, mas sim, na nossa compreensão dos processos que levam a que esse erro ocorra.

Ora, neste seguimento, na fase inicial da PS o EE recorreu inúmeras vezes à OC. Todo este processo teve o acompanhamento da OC, e nas palavras de Silveira et al. (2014, p. 10) “O Professor Cooperante é referenciado como sendo uma peça fundamental neste processo de formação. A ele compete acercar-se das questões que moldam o processo superviso, estejam estas relacionadas com o planeamento didático, com a gestão do tempo ou com as relações interpessoais”.

Na elaboração do PA nomeadamente o EE reconhece que sentiu algumas dificuldades, ou mesmo no decorrer da aula que ficava aquém das expectativas, a OC corrigia, sugeria melhorias, o que em muito auxiliou neste percurso.

A constante entreajuda entre a OC e o NPS, permitiu fazer uma constante análise e consequente reflexão-ação da PES, onde poderia melhorar, o que havia a corrigir, pelo que a exigência, persistência da OC que não raras vezes chamou o EE à atenção, impondo mais regras, mais determinação e empenho, resultou no seu crescimento, desenvolvimento e essencialmente, numa melhoria notória, na perspetiva do EE. Neste entendimento, Rolim (2015, p. 56), “principalmente na nossa visão e nas vivências e perceções do passado e do presente na supervisão do estágio, visa sobretudo abrir uma janela para o futuro, no sentido de proporcionar aos estagiários de amanhã uma breve antevisão sobre aquilo que os espera”.

É por demais evidente que todo o conhecimento, experiência e toda a capacidade própria da OC se revelou e revela como fator crucial no desenvolvimento do EE como futuro docente, porquanto só com uma aprimorada capacidade de autoanálise e reflexão, conseguirá auxiliar os demais à sua volta, contribuindo assim para um constante progresso.

## 15. Reflexões finais

“Educação é aquilo que fica depois que você esquece o que a escola ensinou.”

*Albert Einstein.*

Para Alves (2010) os professores que têm uma paixão pelo ensino esforçam-se, para conseguir perceber o verdadeiro perfil dos seus alunos.

Foi esta paixão pelo ensino, que o EE tentou transmitir em cada aula aos seus alunos, e que bem assim, permitiu ao EE construir uma relação professor-aluno, pautando-se pela cordialidade, companheirismo, através de um planeamento do ensino adequado a cada aluno, uma vez, que esta relação permite um conhecimento mais aprofundado do aluno.

Como afirmam Mesquita e Bento (2014) ser professor é muito mais que a prática, é a interação e superação entre a ação prática e ação teórica acerca do ensinar e do aprender, que torna o profissional capaz de agir no processo de EA.

A PS permitiu ao EE uma experiência única, onde a aprendizagem foi constante e progressiva. Tendo por certo o EE, que não termina aqui a sua formação nem conhecimento, bem pelo contrário.

“A aprendizagem da docência não se inicia com o ingresso na profissão, é um processo contruído ao longo da vida...” (Queirós, 2014, p. 70)

Indubitavelmente, o EE jamais esquecerá este ano e a importância da PS no seu percurso. Tendo presente que esta etapa que agora finda, é somente o início daquilo que tanto ambiciona: ser Professor de EF.

A PS, no seu todo, foi o culminar de tudo que o EE já havia aprendido até então, porém, numa vertente realmente prática. Tendo sido aqui, que o EE pôde ter um verdadeiro contacto com a realidade que no “amanhã” será o seu dia a dia.

Foi com esta ideologia, sobre o que o desporto pode oferecer que o EE procurou incansavelmente trilhar o seu percurso ao longo do ano letivo, com a certeza que conseguiu contribuir e oferecer aos seus alunos experiências, conhecimento que lhes permitiram terminar o ano letivo mais responsáveis, autónomos e acima de tudo mais satisfeitos com a disciplina de EF.

Assume o EE que a PS lhe permitiu conceber com maior clareza o que, no fundo, é ser um Bom Professor. Primordialmente, importa ter um compromisso enorme com a profissão, com ato de lecionar e com tudo o que isso acarreta. Que o sucesso no processo de ensino e aprendizagem é alcançável através de um planeamento cuidado, do estabelecimento de objetivos claros e metas alcançáveis, bem como de normas orientadoras bem definidas. E, acima de tudo, é possível pela proposta de tarefas atrativas com conteúdo e pertinência para os alunos,

ajustadas ao nível de cada um. O sucesso no processo de EA é possível quando existe uma reflexão constante na ação, reflexão sobre a ação e reflexão sobre a reflexão na ação (Alarcão, 1996a, p. 16).

Nem tudo foi fácil, na medida em que por diversas vezes o EE sentiu tristeza; frustração; o sentido de que ficou aquém daquilo que ele próprio se havia proposto. Contudo, tais sentimentos em momento algum fizeram com que o EE pensasse em desistir, estando consciente que tais sentimentos são próprios e que tais fases menos boas, foram essenciais para o seu crescimento.

Vários foram também os momentos de realização pessoal, conseguindo chegar ao final de uma aula com a sensação de dever cumprido; satisfação e enorme gosto naquilo que fizera ao longo das aulas.

Estando o EE consciente da sua evolução, olha para trás e consegue ter a perceção no quão conseguiu progredir e evoluir desde o 1º dia de PS.

A interação com o NPS, em conjunto com a OC e SV, assumiu-se como um dos pontos mais importantes no percurso do futuro docente, na medida em que cada vez mais, urge afirmar que talvez seja interessante conceber a formação dos professores menos em termos de conhecimentos e mais em formas de atividades dentro da aula, ou seja, tendo em conta todos os elementos do contexto, no qual os professores se movimentam e para o qual têm de contribuir.

A PS, ao longo de todo o ano letivo, permitiu ao EE após cada aula fazer uma reflexão, permitindo-lhe entender onde errou, o que pode e como pode melhor no sentido de na aula seguinte os erros não ocorrem. Em conformidade com Oliveira (2012, p. 7) “Os professores que refletem em ação e sobre a ação estão envolvidos num processo investigativo, não só tentando compreender-se a si próprios melhor como professores, mas também procurando melhorar o seu ensino”.

Foi através desta prática reflexiva que permitiu ao EE perceber que não basta pensar, ponderar e prever todo o processo de ensino, também é necessário estar pronto a dar resposta às imprevisibilidades da prática e questionar os significados de uma profissão, que vai além de uma sala de aula. Neste processo, foi importante atender aos três níveis de reflexão, definidos por Shön (1987) a reflexão na ação, que ocorre durante a ação, no confronto do professor com as situações imprevistas; a reflexão sobre a ação, em que o professor, posteriormente à sua atuação, reflete sobre a mesma; e a reflexão sobre a reflexão na ação, que integra atitudes reflexivas sobre a forma e o significado que atribuiu ao que aconteceu.

Crê o EE que tal método, se revelou benéfico, porquanto lhe permitiu refletir sobre o seu desempenho, permitindo perceber o que esteve bem e o que podia ser melhorado, alterando por vezes a sua perceção daquilo que tinha sido realmente a aula, construindo assim, o conhecimento (teórico e prático) capaz de responder eficazmente às adversidades que encontra diariamente e às necessidades dos alunos.

O conhecimento adquirido pelo EE, permitiu enriquece-lo, trocar experiências com os demais colegas e alunos, destacando a oportunidade de poder crescer junto dos que já abraçam a disciplina, o gosto pelo ensino há vários anos.

Enaltece o EE a receção da ESDMII, que sempre se mostrou disposta a ajudar o NPS, auxiliando-os em tudo quanto necessário.

Cunha (2010, p. 42) acrescenta ainda que, um bom professor é “alguém psicologicamente equilibrado, emocionalmente estável (disponibilidade afetiva positiva), social e interessado pelos alunos”.

Analisando os estudos apresentados por Cunha (2010), elaborados com vista a compreender quais as representações acerca de um bom professor, é possível depreender que ser educador/professor engloba diversas vertentes, quer académicas, quer humanas, apresentando-se como um profissional complexo, a quem se exige ser completo.

E ainda, é definido por Matos (2011), cit. por Ferreira (2012, p. 20) como a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, através da prática de ensino supervisionada em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão”.

Tendo o supracitado em conta, denota-se que o professor de EF deve ser dotado de várias capacidades: “o ensino em Educação Física caracteriza-se pela complexidade e incerteza, e por situações que podem ser previstas de antemão; como consequência, a atividade educativa nesta área disciplinar exige do professor tanto a capacidade de resolução de problema como capacidade de refletir sobre os fins, objetivos, e os resultados do seu trabalho” (Costa, 1996, p. 26)

A PS afigurou-se a melhor passagem, a melhor experiência da vida do EE.

Conseguiu o EE, em simultâneo, ser professor e aluno, na medida em que todos os dias foi aprendendo um pouco mais, através da experiência, e acima de tudo, do erro.

Foi através da PS que o EE concebeu as noções de autonomia, colaboração, empenhamento e apropriação da sua identidade profissional. Pensamento coincidente com Reina (2015, p. 87) quando diz que “o ano de estágio é um ano que vai marcar para sempre os futuros professores

de educação física. Se a experiência for positiva, isso vai influenciar a sua atitude perante o ensino da educação física e também da profissão de professor”.

A PS revelou-se apenas o ponto de partida da ambição que o EE deseja alcançar. Toda a comunidade escolar fez parte deste percurso, pois sem ele nada disto teria sido possível. Claro está, que pese embora todos tenham sido cruciais, o EE destaca os alunos, na medida em que sem eles não existem professores.

A relação que o EE conseguiu estabelecer com todos os seus alunos, concretamente a sua TR, foi algo que desde o início da PS deixou o EE satisfeito, facilitando o seu percurso na medida em que fora bem recebido e onde a cooperação foi notória no correr das aulas. Conseguiu implementar a ideia de que o professor não tem que ser um agente distante, não sendo somente Professor-Aluno, mas sim alguém em quem pudessem confiar e ver como um exemplo, sendo capaz de lhes transmitir valores e ideais. O EE não sentiu que a proximidade com todos eles tenha levado a excessos, a que em certos momentos eles se excedessem nas confianças, mas após uma conversa com todos, o seu comportamento foi impecável na base do respeito e da amizade entre as duas partes.

A PS não seria possível sem todos os intervenientes, na medida em que *“O segredo de um grande sucesso esta no trabalho de uma grande equipa.”* (Murillo Cintra de Oliveira Margarida).

## 16. Referências bibliográficas

- Alarcão, I. (1996). Ser Professor Reflexivo In I. Alarcão (Ed.), *Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de Supervisão* (pp. 171-189).Porto: Porto Editora.
- Albuquerque, A., Graça, A., Januário, C. (2005). *A Supervisão Pedagógica em Educação Física: A perspetiva do orientador de estágio*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Amaral da Cunha, M., Batista, P., & Graça, A. (2014). Um olhar sobre o estágio em Educação Física: Representações de estagiários do ensino superior público português. In P. Batista, A. Graça & P. Queirós (Eds.), *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física* (pp. 143-180). Porto: Editora FADEUP.
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar* (7ª ed.). Madrid: Edições McGraw-Hill Interamericana de España. Batista, P. Queirós, P. e Rolim, R. (2013). *Olhares sobre o EP em EF*. Editora FADEUP. Porto.
- Batista, P., Queirós, P. e Graça, A. (2014). *O Estágio Profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física*. Editora FADEUP. Porto
- Bento, J. (2003). *Planeamento e avaliação em educação física* (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. (1999). Contexto e Perspectivas. In J. Bento, R. Garcia & A. Graça (Eds.), *Contextos da Pedagogia do Desporto*. (pp. 19-112). Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cunha, A. C. (2010). Representação do “bom” professor: O “bom” professor em geral e o “bom” professor de educação física em particular. *Educação em revista*, 11 (2), 41-52.
- Graça, A. (2008). Modelos e concepções de ensino do jogo. In F. Tavares, A. Graça, J. Garganta & I. Mesquita (Eds.), *Olhares e contextos da performance nos jogos desportivos* (pp. 25-41). Porto.

Graça, A., & Mesquita, I. (2013). Modelos e conceções de ensino dos jogos desportivos. In F. Tavares (Ed.), *Jogos desportivos coletivos: Ensinar a jogar* (pp. 9-44). Porto.

Graça, A., & Mesquita, I. (2007). A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7(3), 401-421.

Graça & P. Queirós (Eds.), *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física* (pp. 67-83). Porto: Editora FADEUP.

Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated Learning - Legitimate peripheral participation* (C. U. Press Ed. 18th ed.). New York Cambridge University Press.

Matos, Z. (2009). *Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário*

Mesquita, I., & Graça, A. (2011). Modelos instrucionais no ensino do Desporto. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 39 - 65). Cruz Quebrada: Edições FMH.

Metzler, M. W. (2000). *Instructional Models for Physical Education*. Massachusetts: Allyn and Bacon.

Nóvoa, A. (2000). *Vidas de professor*, 2ª Edição, Porto: Porto Editora.

Nóvoa, A. (2009a). Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista da Educación* (350), 203-218.

Reina, M. (2015). Ser Professor Cooperante: em modo de despedida... In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (pp. 85-89).

Rosado, A., e Mesquita, I. (2009b). *Pedagogia do Desporto*. Lisboa: Edições FMH.

Rosado, A., & Mesquita, I. (2009). Melhorar a aprendizagem optimizando a instrução. In A.

Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 69-130). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Schön, D. A. (1997). Formar professores como profissionais reflexivos, in A. Nóvoa (Org.), *Os professores e a sua Formação*. Lisboa: Publicações D. Quixote, pp. 77-91.

Siedentop, D. (2008). *Aprender a enseñar la educación física* (2ª ed.). Barcelona: INDE Publicaciones.

Queirós, P. (2014). Da formação à profissão: o lugar do estágio profissional. In P. Batista, A.

Rodrigues, E. (2015). Ser Professor Cooperante: das funções aos significados. In P. Batista, P.

Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (pp. 91-104). Porto: Editora: FADEUP.

Wiltz, A. (2000). Whose body matters? Feminist sociology and the corporeal turn in sociology and feminism. *Body and Society*, 6(2), 1-24.

Vickers, J. (1990). *Instructional design for teaching physical activities: A knowledge structures approach*. Champaign: Human Kinetics Books.

### **Outros documentos consultados:**

Decreto-Lei nº74/2006 de 24 de março, na versão revista e alterada pelo Decreto-Lei nº 63/2016 de 13 de setembro. Regulamenta o regime jurídico e os respetivos diplomas do ensino superior.

Decreto-Lei nº79/2014 de 14 de maio. Aprova o regime jurídico da habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário.

Projeto Educativo da Escola Secundária D. Maria II.

Plano Anual de Atividades.

Programa Nacional de Educação Física.